

Oferta  
-0. NOV. 1998



NÊSTE NÚMERO:



Willkie, «doutor honoris causa», esteve em Lisboa. Vêmo-lo aqui ao lado do falecido ministro Knox.

(Ler página 10)



Mikolejczyk, chefe do governo polaco exilado em Londres, irá a Moscovo resolver os problemas do seu país?

(Ver páginas centrais)



Como se faz um filme? Quere surpreender alguns momentos da vida de um estúdio português? Quere ver Maria Matos, Borreto Poira e Julieta Castelo no seu próximo filme?

(Ver reportagem na pág. 5)

**VIDA  
MUNDIAL**

ANO IV—N.º 179

19 DE OUTUBRO DE 1944

PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

Sentido! Bem perfilados, olhos ao alto, bandeira bem erguida!  
O Batalhão de Alunos do Colégio Militar aprende a ser soldado e oficial!

# ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

...quem o paga é a mulher

**D**IVAGAVA, passeando, sob o tóldo fresco de glicínias, o olor penetrante dos cravos e das rosas a inebriarem, com o fluído dos seus perfumes, o ambiente dum fim de tarde sereníssimo. Evocava a conhecida e saborosa lenda hindú da criação da Mulher.

E o meu inconsciente, enlanchado nela, brincando num sorriso, certos traços de fino humorismo filosófico, a ajustarem-se à rubrica de alguns perfis elegantes do meu pensamento.

Twashtri, para formar a mulher, procurou as linhas curvas da lua; a ondulação flexuosa do serpente; a tremulação das hastas delicadas; a esbelteza dos canaviais; o acatolado dos lírios; o meigo olhar do cabritinho; a alegre rua do sol primaveril; a volubidade dos ventos; as lágrimas do orvalho; a timidez da gazela; a crueldade do tigre; a macieza das penas do cisne; o brilho do diamante; a vaidade enfastiada do pavão; o calor do fogo; a friquidez e a tura da neve e a tagarelite inconsequente do gato.

De súbito, choros de mulher, gritos afritivos de crianças riscam a paz do meu recanto semi-adulto.

Alarmada, interrogo: «O que é?». Respondem-me culmos: «Nada importante. Numa das vilhas próximas, um homem espancava duramente a mulher que lhe pedia o produto do salário, para comprar o alimento dos pequerruchos. Os filhos, ao verem a mãe ensanguentada, assustaram-se».

É verdade. Caso banalíssimo, sem importância. Repete-se todos os dias. Já ninguém estranha, sobretudo no meu bem querido Norte de Portugal, onde tudo é lindo, excepto muitos costumes. Onde tudo se reforma e renova, menos algumas ideias obsoletas e desprestigiadas, para a sua mentalidade.

As mulheres, principalmente as companheiras legítimas, são, para o indígena, até para aquele que se jacta de ser capaz, se o chamassem, de pilotar com segurança grandes naus da governança pública, ou que paguêcia com arrogância os artigos de fé dos direitos do homem — entes inferiores, a quem só incumbem deveres e não pertencem direitos.

A desgraçada nortenha, pertencente às classes humildes, é o ser mais feliz da criação. Arrasta-se, calcureando caminhos, com os filhos ao colo, sob as ardeências calcinantes do sol, ou sob a justificação impiedosa de chuvas e neves, carregando à cabeça feixes de lenha, sacos impanes de conteúdo, cestos enormes peizados de frutos, cântaros e canecos cheios de líquidos. Mal alimentada, suja, desgrenhada, cedo perde o viço e as graças da mocidade. Sobrecarregada de tarefas ásperas e compressivas, nos campos e nos lares, ninguém atenta ou se condói da sua amarga sina, dos seus sofrimentos constritivos.

A sua situação, já de si pouco risonha, é agravada pela incompreensão daquele que devendo ser o mais desvelado protector, em regra se arvora em carasco inflexível e odioso. Todos os dias, os jornais relatam vários factos que o documentam. Apontemos um destes mais impressionante, pela sua feição colectiva e há dias publicado.

Em determinado povoação do Minho, desapareciam misteriosamente dos bolsos de casacos dos homens, as respectivas carteiras, enquanto os donos, a sono sóto, dormiam.

Interrogadas as consortes (semsortes é que elas são), todas e cada uma de per si negaram a culpabilidade. A negativa, as juras mais vementes não libertaram qualquer delas de violentíssima sova. A câlera desenfreada da confraria dos maridos roubados recatou intacta sobre as miserias. Temperadas de insultos, de murros, de pontapés desabaram sobre elas.

«Paça o mal quem o fizer, quem o paga é a mulher» — afirma eloquentemente o provérbio.

Descoberto providencialmente o gatuno, um estranho à aldeia, ladino e de artes subitas em empalmar o alheio, que descobriu os cofres fortes dos pacóvins imprudentes, foi entregue às autoridades e, logo, as mulheres libéadas de qualquer suspeita.

Afigura-se às pessoas justas, que deveria ser castigada também a protervia dos espancadores de inocentes. Mas ninguém pensou em efectivar esse acto elementar de justiça lógica. E muito menos as vítimas que, por afeitas aos maus tratos, jamais conheceram a dignidade altiva de pessoas, a consciência perfeita dos seus direitos sociais de cidadania.

Humilhações, palavras soezes, espancamentos são a marca afrontosa da sua servidão que a ninguém preocupa. A retribuição única do seu martírio intransitivo.

E lembrarmo-nos que os índios selvagens, Tantuks, poderiam ministrar lições da consideração, do respeito, da gratidão devidos à Mulher, àquelas a quem não é permitido ignorar que o Senhor, ao humanizar-se, encarnou num puríssimo sexo feminino, assim exaltando numa Eleita — o sexo das mães dos homens.

Os Tantuks veneram a Mulher. E somente, porque nos artigos do seu credo religioso se lhes ensinou:

«Pankriti é a mãe, a raiz, a autora e a causa. Ela cria, protege e destrói. É a força principal».

\* \* \*

Quantas missões admiráveis e urgentes estão ainda reservadas aos educadores portugueses, aos sacerdotes de Cristo, por esse Portugal além!

EMILIA DE SOUSA COSTA

Tragédias de um cidadão que pretendeu ir a Sintra

**N**ÃO sabemos se ao leitor já lhe aconteceu, num domingo de sol, dizer à família, com um ar de pessoa importante: «que hoje vamos à Sintra!».

A vila é lindíssima, tem o velho castelo, paisagens surpreendentes, recantos de que se enamorou Byron, esse apaixonado lírico que tanto soube cantar — e que tão mal soube dizer...

Pois bem: se nunca lhe aconteceu venha daí e vai ver como é divertido. A família, surpresa com o convite trata de se arranjar à pressa. O combóio é às duas — mas apesar de já faltarem só trinta e cinco minutos, o pacato cidadão ainda grita da casa de banho que lhe tragam a toalha turca, e o Quim, o mais miúdo, choroso, diz que não agüenta os sapatos. A sogra, a correr dum lado para o outro, quer acudir a todos, e já deu uma canelada no guarda-vestidos, e a esposa, ainda por pentear, amuada, refília com a criada porque lhe gastou o verniz das unhas. Nesta altura, o cidadão não sabe do cinto das calças. Remexe-se a casa toda, a sogra pergunta se não estará no cesto do roupa, na «marquise». Afinal, era o Quim que andava com ele a arrastar pela casa para que o «Tareco» fizesse aquelas esperas tão divertidas. Leva uma bofetada e fica a chorar, com a bluzita ainda vestida há momentos para o outro, quer acudir a todos. Lá do quarto a esposa chama, atrapalhada. Rebentara uma barba da cinta — e o cidadão, desesperado, olhando o relógio, vê que as horas se passam, e não há meio de fazer o nó da gravata fininho, como gosta.

Pe film está tudo pronto. Saem. Há contentamento. Na escada, com

ruído, para que toda a vizinhança fique invejando o cidadão, aos berros diz para o filho: «O seu Quim, em Sintra, porta-se bem, ouviu?».

O catraio, reflêdo, diz que antes queria ir ao Jardim Zoológico. Atravessam a rua e põem-se na paragem. Nesta altura, já toda a gente do prédio está à janela. O cidadão corresponde, sorridente, impando de satisfação, aos cumprimentos, tirando o chapéu.

O primeiro carro que passa vem a transbordar; o outro até trazia gente no salva-vidas, e num atrelado, cabia toda a gente menos a sogra, que pesa noventa quilos e sofre de tonturas.

O pacato cidadão olha novamente o relógio. Faltam dez minutos para o combóio. Há desespero. Um táxi. Há pouco passaram muitos livres, e um chegou mesmo a parar — agora nada. O Quim fez sinal a um — mas o pai dera-lhe uma palmada na mão, que era particular, e ele não gostava, na rua, de brincadeiras. Por fim vem um eléctrico vazio, mas não fizeram caso — eles queriam um «táxi». O pacato cidadão toma uma resolução grave. Atravessa a rua, mete-se na cabina, vê a máquina e telefona para a praça. Nesta altura passaram três «taxis» livres — carros amplos onde a família cabia toda. Daí a pouco veio o automóvel. Era um carrinho pequeno, que deixava fumo e balaçava imenso. «Depressa — diz o pacato cidadão — vá para o Rossio!» O motorista acelerou a fundo, mas estacou com um estorfo. Felizmente, que não fora «amara de ar» — mas a família tem que se apressar para empurrar o «táxi», que ele só pegava novamente com um bom puxão. Aquilo divertia o Quim.

(Continua na pág. 16)

Filosofia de ferro - velho

**C**OMO todos os homens, o Elias tem as suas virtudes e os seus defeitos. Aláís, o pitoresco do mundo, como diria qualquer filósofo barato, está exactamente nesse diferencial de qualidades que torna o género humano diferente, sendo, paradoxalmente, igualzinho. O Elias nunca pendeu, na vida, para outro coisa que não a filarção.

O pai, sócio da firma J. Gomes & Lima, Limitada, tinha um armazém de sucatas, por grosso, e comprava tudo, desde as casacas que se podem voltar, aos canos de água e aos chanatos sem solas. Fez fortuna andando pelas ruas, de porta em porta, mana no bolso, a comprar cacos velhos; depois, num cubículo, em Alcântara, pôs leiteiro de ferro-velho e, por fim, com capital e sociedade, arrematou cascos de velhos navios e tomou conta de empreitadas de escombros. O Eliazinho nasceu já naquele signo de burguezia. Isto é: quando o pai era papá, tinha pança e um prédio alto no Duque de Ávila. Foi criado por ama, teve carrinho, brinquedos, e, como todas as crianças amimadas, uma sorna lisonjeira de birras que o impunham como criança malcriada.

Fez o exame, depois de maduramente repetir as classes, com um foliar a ajudar-lhe a ciência, que a professora estava renitente — e como para vencer na vida é preciso, principalmente, saber soletrar e assinar o livro de cheques, o Eliazinho despendeu-se da Universidade doutorado em ciências primárias, depois de ter assombrado os mestres com a divisão do corpo humano e a prova real duma multiplicação. Como já sabia subtrair e ler, aos quinze anos — e, como há em Portugal pessoas que chegam aos setenta sem sabermos que é um dígito mais conhecem melhor as notas de conto que um bacharel as notas de vinte, o Elias decidiu-se, e muito bem, a dirigir o armazém de sucatas. Todos os dias, junto da balança, pesava latão, ferro

forjado e fundido, bronze e chumbo — e pela tabeleta multiplicava os quilos pelos escudos, e pagava no freguês. O pai morreu-lhe com um ferro ferrugento espetado no pé, num dia em que, para não estragar o verniz dos sapatos andava descalço no armazém a mexer na sucata — e o Eliazinho com o rude choque de três mil contos de mais ganharam no bolso comprou um jazigo nos Prazeres e nele meteu a urna do pai, os ossos da mãe, trancou aquilo — e passou-se com a massa e uma espanhola para a vivenda do Estoril. Nos ares aprazíveis da Costa do Sol viveu longos invernos; depois correu, satisfeito, Portugal inteiro, engorrou, criou pança; teve um ataque de furunculose, foi a Cadeias, ao Gerez; saturado do país, esteve em Badajoz a aplaudir os toiros de morte, e em Sevilha a ver a feira...

A espanhola, a Chicoelita, de tação alto, muito delgada, de olhos negros, que tinham lume, nunca se largava. Tinha rapagens, casacos, «boleros» às dúzias; vivava sempre com a criada, uma andaluza nutrida, de nariz de água, chela de braceletes, que falava ligeira como o locutor da rádio «Toulouse» à hora do noticiário. Ora, há dias, ao passar no armazém que há muito estava fechado, quem havia de ver?

O Elias. É verdade — o Elias em mangas de camisa, calças velhas, os braços cabeludos à vela, fiscalizando um caminhão que descarregava zinco e arame ferrugento.

Cai-lhe nos braços, cheio de curiosidade.

— Que queres, meu velho, passei-me a tempo! Foram, em cinco anos, mil contos para a sucata...

E, voltando-se para dentro, para um rapazota que lhe queria impingir qualquer coisa.

— Oh, rapaz, já te disse! Dou quinze tostões, nem mais um centavo! Dêsse artigo tenho cá em casa aos montões!

O rapazota, com um olhar triste, pôs-se em cima do balcão o embrulho de jornal. Elias meteu a mão ao bolso do colete e pagou.

— O rapaz ia a sair — e ele fê-lo para.

— Não estão partidos?

— Estão bons, senhor!

Elias desembulhava. Eram dois chavelhos, muito limpos, brilhantes, de tamanho razoável.

— Assim, servem-me! Pega lá mais dez tostões...

E o rapaz abalou.

MANUEL MARTINHO

FALA-SE ESTA SEMANA

JAIMÉ DUARTE DE ALMEIDA



O nosso prezado colaborador sr. Jaime Duarte de Almeida, crítico sauro-maquístico dos mais competentes e distintos, acaba de publicar um interessante volume a que deu o título de «Os mexicanos em Portugal». Trata-se de um estudo objectivo e de um comentário justo à acção dos artistas do México — moços valentes que trouxeram à Festa Brava uma luzida

contribuição para o interesse que entre nós está a sentir-se nos campos de corrida. Escrito em estilo simples e correcto, o livro de Jaime Duarte de Almeida vai, com certeza, constituir uma grande atracção de leitura.

RICHARD ANTHONY WELINGTON



Para desempenhar o alto cargo de adido aeronáutico, junto da Embaixada Britânica, foi nomeado o sr. tenente-coronel Richard Anthony Wellington, um oficial brioso e dos mais jovens da velha Inglaterra. O illustre oficial, que se encontra desde há pouco no exercício das suas importantes funções, vai, certamente, criar entre nós laços de compreensão e amizade.

# ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Há dias sentei-me com minha mulher numa das esplanadas da Avenida e mandei vir dois cafés. Quando o café chegou dei ao empregado cinco escudos para pagar. Lhia eu nessa altura o jornal, e o empregado, pondo 3 escudos em cima da mesa, disse: «Dois, com três, faz cinco». Como eu nada «fizesses», repetiu, empurrando as moedas para junto de mim: «Dois, com três, faz cinco». Fiz um gesto de assentimento com a cabeça, e o homem retirou-se. Continuei lendo o jornal e bebendo o café; terminada a leitura, coloquei o jornal em cima da mesa e guardei o troco. Certamente que era observado. Imediatamente surgiu o empregado e disparou-me esta interessantíssima frase: «Eu paguei-me só dos dois cafés. O senhor agora tem que pagar o meu serviço». Aquele que só era obrigado a pagar a despesa feita e nada mais. Resposta pronta e mais enérgica do empregado: «Eu não sou seu criado. O patrão não me paga e o senhor tem que me dar dois tostões». Indignado com esta exigência à mão desarmada (supplico, não sei o que o homem teria na algibeira), recusei terminantemente dar-lhe os dois tostões exigidos, e disse-lhe que se ele entendia que eu lhe devia alguma coisa chamasse um polícia. O homem empertigou-se todo e, pleno de insolência, respondeu: «Eu até tinha vergonha! Se não fossem os seus cabelos brancos...».

Isto passou-se na esplanada do Café Cristal, em Lisboa, capital do Império!

Estava acompanhado duma senhora e fazia horas para entrar no teatro. Não pude, portanto, demonstrar a este gentil servidor que os meus cabelos brancos estão ainda longe de

## Quando os actores representavam em barracões

A 12 de Outubro de 1845, na Travessa do Secretário da Guerra, antigo nome da Rua Nova da Trindade, um barracão de aparência mais que pobre — e, além disso, feito sem cuidados de operários e artífices.

Nenhum conforto podia oferecer aquêle barracão de bancos de pinho e palco diminuto. Por cima duma porta, lia-se este letrero: «Novo Gimmnásio Lisbonense». Os primeiros espectáculos são de circo — e atraem grande concorrência. Os lucros são, porém, vantajosos, e o empresário, João José da Mota, ambicioso e homem com pouca cultura, dono duma tipografia situada no Rossio, no primeiro andar do prédio onde está hoje a Farmácia Estácio. Ora nesta oficina distribuía tipo pelos calxotinos, como aprendiz, o que depois foi o grande actor Taborda.

ser um obstáculo quando se torne necessário defender o físico e a bôlsa ameaçados.

Dispensa comentários. Conto o episódio para servir de aviso àquelles que hoje já não dão gorgeta: passem a dá-la ou írem prevenidos para se defenderem quando algum criado de café lhes disser, apontando a pistola: «Ou dá gorgeta ou levas um tiro!». Para lá caminhamos, segundo parece.

Hoje em dia, nos cafés, os criados já não esperam que o cliente os gratifique. Eles é que fixam a gorgeta e dela se pagam sem cerimónia, não se limitando, em geral aos 10 %, desde que a despesa não seja um simples café.

Até há algum tempo eu chamava o criado e dizia-lhe que se tinha enganado no troco, fazendo-o repôr assim o dinheiro de que abusivamente se tinha pago. Seguidamente dava-lho, dizendo: «Aqui tem para si, dado livremente, sem obrigações». Um dia, «elegantemente», um criado voltou-me as costas e não quis aceitar.

Assim terminou para mim a era das gorgetas nos cafés.

A. A. C.

Essa tipografia tinha, então, grande clientela, pois aí se imprimiam as cartelas e cartazes dos teatros do Salitre, de S. Carlos e da Rua dos Condes.

Refere-se assim Eduardo de Noronha a essa época:

«O Mota sonha mais largo futuro para o seu empreendimento. Palhaços, cavalinhos, saltimbancos, arlequins, acrobatas, bailarinas que mostram as pernas em destacados audaciosos nas «mazurcas» acabadas de inventar, nas redovas, nas figuras comedidas dos ballados calabrezes, no «pad-du», como então se chamava, no esboçar da perleira coreográfica dos nossos ballaricos populares não lhe encham o vácuo das suas aspirações. Nesta altura, em 1845, o Frutuoso lembra-se de reproduzir a pantomima criada por M. Avrillon: «O imortal D. Pedro no cerco do Porto». A esta repetição succede a dança mímica em três actos: «O saltador de Vitrés». Estrela-se nela, a 13 de Novembro desse mesmo ano, como dançarina, Emília Cândida, mais tarde famosa actriz. Ora no barracão, apesar de muito frequentado, nem sempre reinava entre os espectadores a cordura e a boa educação que ainda hoje não sobeja nas casas de espectáculo. Sendo ali o ponto de reunião, aos domingos, dos caixeiros janotas, estes desforravam-se do silêncio obrigatório da semana, constrangidos a servir a freguesia com palavras mansas, fazendo um alarido ensurdecedor por todos os meios ao seu alcance, desde os guinchos agudos de pavão espavorido até ao bater dos tacões de allmaria dorida com a ponta do cravo mal colocado por ferrador imperito. O escândalo assumiu tais proporções que o director da Companhia lembrou ao público, na «Revolução de Setembro» de 6 de Dezembro de 1845: «...que se contivesse na ordem para que assim fosse mais lata a protecção prestada aos artistas nacionais. A lembrança, pedido ou aviso não surtiu efeito digno de nota. A gritaria e a chiadeira continuaram, o que ainda mais enraizou no espirito do Mota o plano de transformar



a barraca em teatro. Faltava-lhe, porém, o principal: o dinheiro. Os fundos do industrial tipográfico não excediam seiscentos mil réis, soma importante para a quadra, mas diminuta para o empreendimento. Dirigiu-se a Manuel Machado, nesse momento fiscal do teatro de S. Carlos. O dinheiro arranjou-se e, em 20 de Março de 1846, pediu licença para dar espectáculos de declamação na nova sala. O nome foi também alterado para «Teatro Ginásio».

A primeira récita foi em 17 de Maio de 1846. Em caracteres negros, sobre fundo branco, avulta o nome da peça, «Os fabricantes de moeda falsa», melodrama de César Perini de Lucca, professor do Conservatório. A distribuição era a seguinte: Pereira, Moniz, Vasco, Romão, Ramos, Assunção Marques, Maria José de Almeida, Emília Costa, Emília Cândida, Massez, Paula Maltre, Maria Isabel Ludovina, Fortunata Levi, Joaquina e Josefina. Além desta peça representava-se a comédia «Marido que se desmoraliza». E aqui está, a traços rápidos, como dum simples barracão se fez um teatro — com um empresário que era tipógrafo.

## NOTAS RAPIDAS



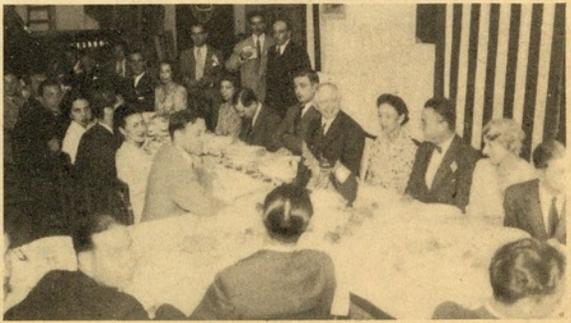
O sr. Presidente da República, antigo aluno do Colégio Militar, assistiu, este ano, à abertura solene das aulas naquele estabelecimento de ensino. Os rapazes, futuros oficiais, perfilaram-se garbosos quando o sr. general Carmona passou revista à guarda de honra. Atrás, vê-se o sr. subsecretário da Guerra.



O sr. dr. Marcelo Caetano, novo ministro das Colónias, visitou o Jardim e o Museu Colonial, onde estão sendo feitas grandes obras de adaptação. Foi ali recebido pelos srs. engenheiro Cândido Duarte e sr. Melo Geraldes, directores respectivamente do Jardim e do Museu. A foto revela-nos um aspecto dessa visita.



Nunca a Cruz Vermelha Portuguesa deixou de ser compreendida, no mais alto da sua missão humanitária, por quantos países em guerra apelarão para o seu franco auxílio. Para exprimir o sentimento de gratidão da Polónia por aquêle organismo, o sr. ministro Gustavo Potworoski esteve ali, há dias, sendo recebido pelos seus presidentes e secretário geral. Na foto, damos o sr. Ministro da Polónia, à saída da benemérita instituição, ao lado do sr. almirante Irens Ferraz.



Nu'nha gesto simpático de confraternização, reuniu-se há dias num banquete o pessoal das secções de imprensa das Embaixadas americana e britânica. E dessa festa, presidida pelo ilustre adido da imprensa dos Estados Unidos, a foto que publicamos.

## O CINEMA "ARTE ENCAIXOTADA"

**N**UM dos seus luminosos folhetins do «Comércio do Pórtos», o sr. dr. Júlio Dantas, com a elegância de estilo que lhe é peculiar, fala do Teatro e do Cinema e procura estabelecer entre os dois uma hierarquia de valores. Para tanto, aduz razões, alinha argumentos — argumentos e razões que nos parecem pelo menos anacrónicos. Há muito que se extinguíram as polémicas entre os que pretendiam a supremacia de uma Arte sobre outra. E hoje tais atitudes só se explicam por despeito ou incompreensão. O Teatro e o Cinema são espectáculos com características próprias, duas Artes com meios de expressão diferentes. Parece-nos, pois, que não é legítimo estabelecer escalas de valores, a menos que me consigam provar que a pintura está acima da música e que a arquitectura vale menos do que a poesia.

O sr. dr. Júlio Dantas, depois de afirmar generosamente que não tem contra o cinema «nenhuma espécie de má vontade», chama-lhe «Arte estandardizada e encaixotada», sem nos explicar exactamente o que entende por estandardização de uma Arte, cuja evolução ainda se não completou, depois de, em cinco décadas, ter passado por transformações que abalaram os próprios fundamentos — em busca de um maior interesse espectacular e da perfeição técnica.

«Arte enlatada», «teatro em conserva», «arte encaixotada» (sic), na etiqueta do sr. dr. Júlio Dantas... Custa crer que depois da rendição Bernard Shaw, último abencerragem de uma escassa falange de negativistas, ainda se faça fogo com estes busca-pés inocentes...

«Entendo que o cinema realiza uma forma de espectáculo de elevado interesse, quer como divertimento popular, quer como meio de expressão didáctica». Não percebemos se o «popular», aqui, tem sen-

tido pejorativo e se o sr. dr. Júlio Dantas relega o cinema para uma espécie de futebol das Artes... Mas a convicção aparece reforçada se atentarmos no facto de confinar o interesse do espectáculo às funções didácticas e de divertimento popular. E como expressão superior de uma Arte? «Reconheço, como toda a gente — continua o autor da «Cela dos Cardiais» — os seus progressos, as suas possibilidades, os seus recursos e os seus êxitos». Sempre a cautelosa moderação de termos sempre o evidente propósito de fugir a encarar as manifestações artísticas do cinema, como se o contrário fôsse hostilizar a fácil e prudente directriz académica...

«Arte estandardizada e encaixotada» que de nenhuma maneira pode comparar-se ao teatro — «fonte de emoção directa, forma clássica da emoção da vida». E em reforço desta sua opinião, o sr. dr. Júlio Dantas escreve: «Permito-me apenas distinguir (porque isso me parece legítimo) entre a vida e a imagem, a realidade e a fotografia, o homem e a máquina. E essa distinção conduz-me, naturalmente, à conclusão inevitável de que, na hierarquia dos valores, o teatro e o cinema não se encontram no mesmo nível». E seguindo o mesmo raciocínio concluímos, pela nossa parte, não menos inevitavelmente, que, para o senhor dr. Júlio Dantas, o teatro é capitão e o cinema cabo — à espera das divisas de sargento...

O paralelo ainda poderia estabelecer-se, de forma discutível mas flagrante, se o cinema se limitasse a fotografar comédias, operetas, farsas e dramas, tal como se representam no palco, confinados aos cenários respectivos e à própria construção espectacular. Isto é se o filme não passasse do «Teatro de celulóides», do Pagnol. Mas os domínios do cinema são outros — os da própria vida. As personagens não obedecem às marcações de cena, da direita

baixa para a esquerda alta — mas caminham no ambiente próprio, libertas das dimensões do tablado. E neste facto está, afinal, uma das características fundamentais da construção da razão de ser e da ética cinematográfica. O paralelismo entre a realidade e a fotografia não se pode aceitar, pois, como argumento em favor do teatro. Mas a admitirmos a supremacia da imagem sobre a vida, a não reconhecermos Arte naquela só porque é imagem e não vida — teremos que negar a pintura. E diminuir o Cinema, fruto da inquietação e do génio do homem, porque a máquina interveio, parece-me tão infantil como desmerecer a pintura, pelo facto do artista utilizar, como matéria-prima da sua arte, como elemento de expressão plástica, as bisnagas de tinta saídas das grandes fábricas de produtos químicos da Alemanha ou da América. Na arquitectura, como no cinema, a máquina é um meio de realizar a criação artística. Se não bastasse, poderíamos ainda argumentar que as mesmíssimas máquinas e a mesma indústria produzem filmes como «E tudo o vento levou», a que o autor «prestou homenagem em termos inequívocos», e pobres películas sem méritos de qualquer espécie. O que tem valor, o que importa e o que conta — é o homem.

O sr. dr. Júlio Dantas insurge-se, depois, contra um filme em que um «galá microcéfalo beijava ferozmente a ingénua». E alude à sonorização estridente, própria para surdos. Quanto à primeira parte, recomendamos ao ilustre dramaturgo que vá ver «A Sardanica» ou a «Mulher do Padeiro» e nos diga, depois, se é lícito medir ou julgar Teatro por êsses interessantes espécimes — ou invocar aquelas peças para o desfeitar e generir. Quanto à sonorização estridente lamentamos que não haja celebrado, paralelamente, o encanto das falas íntimas entre os intérpretes, que o cinema sonoro nos trouxe; o brando ciclar das vozes, o murmúrio das palavras — recurso do cinema vedado ao teatro, e que o aproxima, afinal, da vida. E como êsse, quantos outros aspectos da vida estão mais próximos da tela do que do tablado!

A propósito do passado opulento de um antigo teatro, o sr. dr. Júlio Dantas chora saudosos os espectáculos «onde se educou, onde aprendeu, onde conheceu, numa ofuscante sucessão de ritmos e imagens, o que só viajando muito um português de então podia ouvir e ver». E enumera a seguir a galeria das celebridades dos tabladros mundiais, desde a Duse e a Sarah Bernhardt até a Pavlova e ao Zaccagni. Diz-se-lhe, quando fala «na ofuscante sucessão de ritmos e imagens, que só viajando muito um português pode ouvir e ver», que o sr. dr. Júlio Dantas está tecendo uma ode ao cinema, ao cinema de hoje, porque só ele nos traz as imagens do mundo em que vivemos e porque as réplicas, mais ou menos perfectas da galeria dos intérpretes desse tempo, chamam-se hoje Garbos, Bette Davis, Hepburns — e o Duse, a Sarah Bernhardt, a Pavlova, se pertencessem ao número dos vivos, estariam agora, em Hollywood, a fazer um ou dois filmes por ano...

«Os tempos mudaram» — diz o sr. dr. Júlio Dantas. E, afinal, nesse facto está o segredo de muitas divergências e confusões. E para que elas se não multipliquem, para não fundir a saúde com a injustiça, para que se não pense na facilidade de reconstituir um passado que não volta — «os tempos mudaram» e é inglório lutar contra a evolução enraizada no caminho percorrido pelas gerações — entendemos que não basta abordar com brilho literário os problemas, mas discutí-los serenamente, com conhecimento de causa, à luz da imparcialidade.

E faz pena saber que há pessoas, com a categoria mental do sr. dr. Júlio Dantas, para quem o cinema não passa de «Arte encaixotada», como se não houvesse transposto ainda a idade e as fronteiras do «Fantomas» ou da «Moeda Quebrada»...



Aqui têm a «favorita do exército americano», título ganho num concurso celebrado na Hollywood Canteen. Chama-se Margie Stewart — e é, como vêem, um amor de rapariga...

### PLANOS DE MONTAGEM ECOS E NOTÍCIAS DO CINEMA NACIONAL

A indústria cinematográfica nacional caminha com a irregularidade costumeira. Durante o corrente ano, apenas se estrearam dois filmes portugueses. No momento actual, encontram-se em produção e devem sair quasi ao mesmo tempo «A vizinha do lado», de Lopes Ribeiro; «A noiva do Brasil», de Santos Mendes; «Um homem às direitas», de Jorge Brum do Canto; e a película da Cineclândia, sem título definitivo, realizada por Carlos Porfírio. Tudo indica que êstes filmes só sejam apresentados em 1945.

\*\*\*

Afirma-se que Leitão de Barros vai realizar em Espanha um novo filme, que marcará a estreia de Palmira Bastos no cinema.

\*\*\*

Volta a falar-se no «Leão da Estréla». E na «Recompensa» também. Qualquer destes projectos tem fundamento. E assim não nos surpreenderemos se se tornarem realidade.

\*\*\*

A vaga de publicidade que costuma preceder a rodagem dos filmes nacionais transformou-se no prudente silêncio de Conrado... Dos filmes se sabe. Pela nossa parte, parece-nos tão condenável o prematuro toque de fanfarras como o isolamento a que a indústria se votou — em face do público. Entre a agência de publicidade e a cela conventual — os nossos estúdios tinham muitos estados intermediários por onde optar.

\*\*\*

Depois da peça «Os Matias» — vamos ter o filme extraído da obra célebre de Eça de Queiroz? Na idade de ouro do teatro português, a mais acreditada empresa renunciou a levá-la à cena por não encontrar intérpretes capazes de encarnar as figuras do Eça e de Maria Eduarda.

Apóra, no teatro, não haverá dificuldades. E no cinema, muito menos. Tão habituados estamos a ver qualquer intérprete desempenhar qualquer papel...



Dolores Moran, uma nova e luminosa face do cinema americano

FERNANDO FRAGOSO

# 7 IMAGENS INDISCRETAS DA FILMAGEM DE "UM HOMEM ÀS DIREITAS", A NOVA REALIZAÇÃO DE BRUM DO CANTO



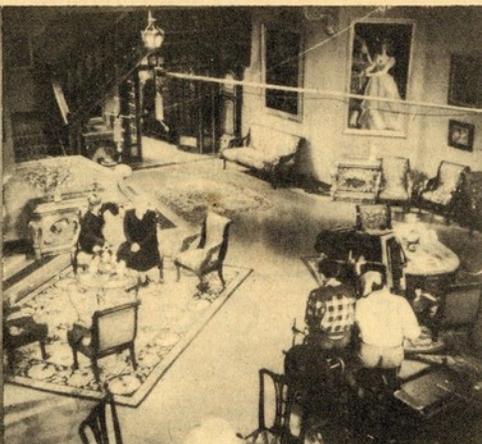
Aqui, o Brum do Canto, a dirigir a filmagem de uma cena. Tanto o Constantino Esteves, que é o assistente geral, como o caracterizador Amálio Rodrigues e iluminador J. Santos, parecem bastante satisfeitos com os resultados que estão, decerto, para lá do «clichê...».

Já não se pode dizer que a preparação de um filme constitua segredo para o público. Quando o cinema se lembrou de que podia ser «repórter» e divulgar no «ecran» as próprias fórmulas e «trucs» de que se socorre para criar a ilusão maravilhosa de imagem em movimento — o fotógrafo amador e o «repórter» da pena já não tiveram mais que fazer nos estúdios. O cinema revelou-se em tôda a sua nudez, despiu-se, mostrou os seus recantos mais recatados e misteriosos da arte de fazer filmes. Em todo o caso, o estúdio é uma permanente sedução de reportagem: pela trepidação do trabalho, pela variedade dos aspectos que se focam. Há o dito de espírito, o dito de intriga, o dito por não dito, o dito propriamente dito — que sabemos nós, dêsse mundo heterogêneo onde afinal se amalgamam e elementos para uma conjugação formidável, para uma produção assombrosa — mesmo quando é má — de técnica e de arte...

Eis alguns momentos da filmagem de «Um homem às direitas» o novo filme de Brum do Canto, ainda hoje — e há quanto tempo ele andava aparentemente afastado da convivência dos estúdios! — um dos nossos três melhores realizadores.

As fotos são de João Martins, o indiscreto que andou a espreitar à fechadura dos camarins e dissimulado na sombra, para surpreender o trabalho do estúdio.

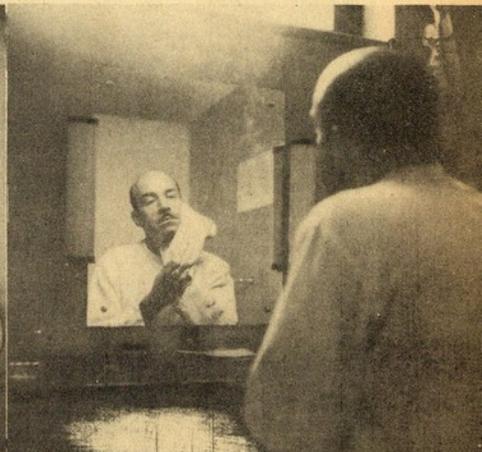
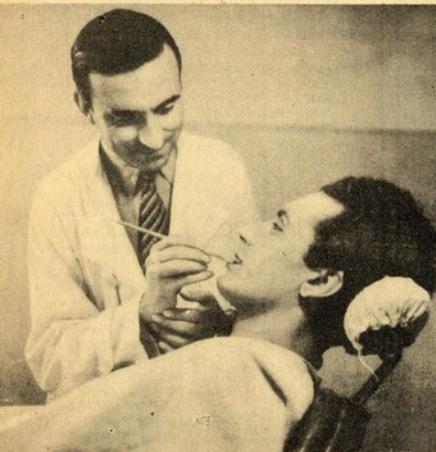
Vejam só o que ele viu!



Esta é a Julieta Castelo que vai fazer o melhor trabalho da sua carreira de artista! Vai, vê-se logo no seu optimismo. Ou estará assim satisfeita por causa do cabeleireiro ter criado para ela, um penteado que vai fazer mais furor que o de Verónica Lake?

Eis uma das cenas de interior mais difíceis desta nova produção Cesar de Sá. Como se vê, a casa muito elegante, não precisa de ser completa. Basta um recanto — um piano, para criar a ilusão do conjunto, a grande ilusão do espectáculo!

Julieta Castelo estava a ser filmada, quando o fotógrafo a apanhou nesta atitude lânguida de convalescente. Como se vê, entre nós também já se preparam exteriores, como se faz lá fora, pois o fundo é pintado. Quando fizermos um filme passado no Hawai?



«Você vai ficar bonitinho!» — pensa o caracterizador Amálio Rodrigues — Perdão, Amélio Rodrigues. E Virgílio Teixeira pensa do mesmo modo e por isso sorri embevecido. Que tal, o gosto do baton das senhoras? O Virgílio Teixeira irá agora fazer o papel que não lhe deram nem em Portugal nem em Espanha?

Quem será este senhor de ar insolente? E aquela velha ama? Pois está mesmo a ver-se: o Barrêto Poetra, um dos nossos maiores artistas da tela, e a Maria Matos, uma das nossas maiores artistas do palco. Ensaiam ambos uma cena e, pelos modos, sai tão bem, que até parece real.

Enfim, acabou o trabalho desta tarde. Foi violento mas correu bem, embora o não pareça, pela cara do Poetra. Não admira, ele deve estar com uma fome dos demónios, que a hora do jantar já lá vai. Agora, toca a tirar a caracterização, a lavar o rosto bem lavado e a tomar o «stáxi», que o jantar esfria...

# DO PASSADO

## O COMETA DE HALLEY

### NOVIDADES ASTRONÔMICAS DE 1910 A 1911?

**G**RANDE o debate travado pela proximidade do cometa de Halley, pois, em 1909, julgavam ao alcance dos poderosos telescópios ingleses e germânicos o errabundo astro de chamejante cauda. Calculada para 1910 a sua máxima proximidade da terra, houve que adicionar-lhe e corrigir as irregularidades de tão susceptível quanto influencável habitante das camadas estratosféricas. O erro, considerável, abrangera todos os astrônomos, até o próprio Camilo Flamarión, o popularíssimo quanto poético descritor das paisagens celestes.

Assim decorreram os anos de 1908, em que deveria começar a ser visto o perturbador, mas ainda de 1909 e 1910 nem vestígios surgiam da calculada aparição do asteroide. Foi mais tarde, quando todos falavam em «prender» a cauda do fabuloso astro errante, que ele surgiu — lindo, captivante, em onduladas curvaturas e excedendo em beleza tudo aquilo que se aventara. E demorou-se considerável tempo nas nossas vizinhanças, nas da terra-orbe, é claro, até que se foi esbatendo, qual pavão real, na refulgência das suas cores preciosas, variadas, irrisadas por entre as aclamações de todos nós, vermes terráqueos, insignificantes átomos, sem esperanças de voltar a ver a radiosa perturbação das atmosferas que nos circundam.

Em 1882, observou o cometa que receberia o seu nome, Halley e todos os astrônomos da sua época lhe seguiram o estudo. Andersen, o contista escandinavo, fez do acontecimento astronômico o assunto de um dos seus mais empolgantes episódios para crianças. O próprio e curiosidades do céu» como na «Astronomia popular», descreve a vinda do cometa de Halley como das

mais notáveis ocorrências previstas na sua vida. Viveu, ainda, o bastante para ver o espaço exacto entre 1835 e 1911 a 1912, data anual da sua última vinda. Perturbados os cálculos, dentro da margem própria a um cometa tão influencável, a sua relativa variabilidade é admissível e perdável a nós, leigos, quanto mais aos grandes mestres.

### O COMETA GUIOU OS REIS MAGNOS?

Segundo os cálculos positivos do professor inglês David Forbes, a estrela que encaminhou os três monarcas do Oriente à estância humilde onde Cristo nasceu, tem explicação plausível, perfeitamente científica.

Comprova o astrônomo, por meio de datas históricas e de computações cosmográficas, que o maravilhoso corpo celeste a que nos referimos é o grande cometa chamado de Halley, o qual aparece no firmamento, cada três quartos de século, com deslumbrante esplendor, e que tem muitas vezes já assustado os supersticiosos habitantes do nosso planeta.

Demonstram as crônicas que brilhou um cometa com extraordinários fulgores em 1682, e que o eminente Halley, estudando a sua passagem por entre as constelações e bem assim calculando a sua órbita, ficou surpreendido ao ver que dois ou três grandes cometas, daqueles em que circunstanciadamente falava a história, tinham seguido quasi o mesmo roteiro e oferecido análogas manifestações.

Atendendo a isto, Forbes pensou que podia ser o mesmo cometa, o qual, repetindo a sua visita às proximidades do Sol e da Terra em períodos fixos, permitisse prever o regresso futuro. Após uma série de cálculos complicados e de notória importância, disse que se tornaria

a contemplar o mesmo cometa precisamente no ano de 1758.

Certa safu a predição do astrônomo inglês, ainda que, devido à influência do planeta Júpiter, que atraísse a marcha do cometa, este não aparecesse na órbita do nosso mundo em 1759. Logo outros astrônomos previram a reaparição do nome celeste para 1835, como sucedeu. E agora — escreveu Fernandes Costa — reaparecerá em 1911, isto é, a pouco mais de dois anos da data em que estamos a escrever.

O período deste cometa é, em termo médio, de setenta e seis anos; as notícias que, como verdades, se têm do Império chinês e da antiga Roma, afirmam, com positivos dados, ter-se observado um cometa gigante na época em que Cristo veio ao mundo. Ora quando o de Halley se aproxima do Sol, é visível na parte ocidental do céu, afirmando Forbes que tal era a sua situação quando os Reis Magos, montados nos seus camelos, o seguiram constantemente, atravessando com fadiga as extensas planuras que existem ao oriente da Palestina.

Então, viram o formoso cometa suspeso nas alturas do horizonte ocidental, aumentando o seu brilho todas as noites e parecendo aproximarse da Terra. Ao chegar ao seu periélio, o astro desapareceu entre os intensos raios do sol e tornou a reaparecer depois dos Magos terem realizado a sua viagem, elevando-se cada vez mais, conforme se afastava do sol, até que, ao chegar quasi ao zenith, se demorou como fixo sobre



o pobre estábulo em que Jesus nasceu.

É fora de dúvida que Melchior, Gaspar e Baltasar viram qualquer coisa extraordinária fora do costume. Como homens hábeis em astronomia, só um grande cometa os poderia surpreender, acompanhando-o na sua direcção para irem ao mísero presépio de Belém adorar e oferecer os seus presentes ao filho de Deus.

Devemos acrescentar — resume, finalmente, Fernandes Costa — não ter sido o astrônomo David Forbes o único a sugerir a ideia de que pudesse ser a estrela de Belém o cometa de Halley. Nem o único, tão pouco, a estudar tão interessante matéria. Entre outros, também a examinar Garrett Serviss, de grande conceito no mundo científico.

### FLAMARIÓN E HALLEY

Concluirmos esta notícia das principais efêmerides do cometa de Halley com a notável e eloquente oração de Camilo Flamarión no «Almanaque Astronômico», publicado sob o seu nome e referente ao ano de 1884:

«E como é segura a predição astronômica! Que certeza no espírito! Que serenidade na alma! As coisas vulgares da vida desaparecem como os nevoeiros ao nascer do sol.

«Um dia, em 1705, o astrônomo Halley calculou, pela vez primeira, a órbita do cometa magnífico que brilhou no céu em 1682 e que, havia vinte e três anos, desaparecera nas profundidades do espaço. Anunciou que, depois de se ter afastado para mil e trezentos milhões de léguas do sol, voltaria!... Havia de voltar à terra em 1759!

«O astrônomo não ignorava que, haveria muito já, ele teria deixado este mundo quando o astro misterioso aqui viesse, obedecendo à audaciosa indução do cálculo. Mas o seu gênio clarividente seguiu, não obstante isso, o viajante invisível, e com a confiança que dá o conhecimento da verdade, profetizou arrojadamente o seu regresso.

«Muitos sábios sorriram da sua temerária audácia; personagens capituladas de «ilustres» consideraram-no louco, visionário, e até mesmo blasfemador. Ele próprio, em breve, seguiu o destino comum; envelheceu, e, octogenário, desceu à noite do túmulo. Cantou a cigarra na herva do cemitério; as moléculas constitutivas do corpo do pobre astrônomo regressaram aos elementos de onde tinham provindo.

«Sepultavam-o o silêncio e o esquecimento, como sepultam todos os seres e todas as coisas. Nisto, numa noite, no horizonte, lá longe, nas vagas profundidades dos céus, viu-se chegar do fundo do espaço uma estranha claridade. Ela, insensivelmente, cresceu, subiu, desprendeu-se do horizonte, estendeu-se pelo céu como uma aparição divina, e ostentou-se, finalmente, por entre as constelações pasmadas!...

«Era o cometa de Halley, o qual respondia ao seu apelo: era a verdade astronômica que vinha resplandecer sobre o túmulo do seu profeta!»

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

## UMA FOTOGRAFIA ORIGINAL

É de extrema originalidade este trabalho fotográfico. Não menos perfeita a sua gravação, feita por Pires Marinho, com notável fidelidade, no «Almanaque Bertrands» para 1906.

Esta artística fotografia foi feita pelo fotógrafo brasileiro Valério Vieira. Aqui, todos os personagens são o próprio fotógrafo, incluídos os retratos que pendem das paredes e o busto que assenta sobre uma «tápete». Este belo trabalho fotográfico, oferecido, há seus quarenta anos, a fim de ser publicado pelo ilustre compilador do «Almanaque», Fernandes Costa, foi recebido por este escritor e acadêmico, acompanhado de uma carta do escritor de São Paulo doutor Garcia Redondo, em que se noticava este «récorder», em arte fotográfica, da nação irmã.

Há aqui muita técnica e muita imaginação. Mas é preciso acrescentar: há também muita e muita paciência!



## Sabe quem foi HAUPTMANN?

**E**M 15 de Novembro de 1862 nasce em Warmbrun, na Alemanha, um garoto franzino, alourado, muito chorrão; a quem os pais, proprietários de uma modesta hospedaria, puseram o nome de Gerhard.

Com grandes dificuldades, os pais do jovem Gerhard puseram-no a estudar num curso secundário, em Breslau. Não chegou, porém, a concluir os estudos. Tinha ele pouco mais de 16 anos, foi tirado aos livros para se entregar à agricultura.

Gerhard Hauptmann não podia, de forma alguma, suportar esta nova vida. O seu espírito inquieto, desejo de saber e de estudar, não se podia conformar com a vida monótona e fatigante, dos trabalhos do campo.

Fugindo à vontade de seus pais, o jovem Gerhard regressa a Breslau, onde se matricula na Escola de Belas Artes. Aqui, tira os preparatórios e ingressa, depois, na Universidade de Jena. Até 1887 ninguém poderia supor que este estudante se transformaria, mais tarde, no grande dramaturgo Gerhard Hauptmann. Foi em 1889 que representou a sua primeira peça. Chamava-se ela «Antes do nascer do Sol».

Esta peça obteve um extraordinário sucesso, o que quer dizer, necessariamente, que fez grande escândalo junto dos críticos, dos autores e, sobretudo, junto do público.

Seguiram-se outras peças: «Festa de Paz», «Homens solitários», etc., e todas elas alcançaram o mesmo êxito da primeira.

Nos «Tecelões», Hauptmann pinta um ambiente fabril: as angústias e as alegrias, não muitas, dos homens que trabalham nos teares. É uma peça sem herói central. O herói é a massa e não um homem.

De Hauptmann vimos há pouco, no Nacional, «A ascensão de Joanninha», peça que saltita entre o real e o fantástico, e que está englobada na segunda fase dos trabalhos de Hauptmann. Na primeira, como dramaturgo de intenções sociais, por vezes forte, brutal, mas sempre humano, encontram-se as melhores obras de Hauptmann, que marca posição de relevo dentro da literatura teatral universal.



## O sr. Charles vai passear com a família

**E**STA vem de Chicago. O senhor Charles Steinlauf, mecânico, teve a deliciosa idéia de construir uma bicicleta na qual todos os domingos de manhã leva a família a passeio.

É uma bicicleta um pouco complicada, dirão os leitores. Pois sim, mas é prática e econômica. Apenas com dois «pneus», a família pode divertir-se... e trabalhar, porque o sr. Charles lhe adaptou uma máquina de costura. Isto é: enquanto passeia com o marido e os dois filhos, a senhora Steinlauf termina, calmamente, o seu novo vestido...

Que lhes parece? Boa idéia, não?...

## VIDA BREVE

**É** interessante estudar a duração da vida dos animais comparada com a dos homens. O elefante da Índia, um dos animais mais inteligentes, vive pouco mais ou menos o mesmo tempo que o homem, ainda que alguns exemplares, raros, atinjam 150 anos.

Em contrapartida, os elefantes africanos não alcançam tão grande idade, se bem que possuam grandes orelhas (diz-se que, no homem, a orelha grande é sinal de longevidade).

O camelo chega a viver 30 anos, a mesma idade que uma girafa. Os ursos vivem 18 a 20 anos. Os leopardos, lobos e raposas não passam de 10. As zebras morrem aos 16 anos. Os rinocerontes aos 22. Os bizontes aos 20.

O leão está em pleno vigor aos 5 anos e pode viver 25. Os tigres raramente atingem mais de 20 anos. Todavia, há exemplos de grande longevidade entre estes animais. E, coisa curiosa: quanto mais velhos são, mais se dedicam à caça ao homem, que é mais fácil de apanhar de que qualquer quadrúpede. Diga-se de passagem que um tigre é capaz de correr 60 a 70 quilômetros numa noite.

A natureza é benévola para com os animais. Raros morrem de enfermidade. Morrem, sim, de velhice, e quando sentem que sou a sua hora, procuram um lugar isolado para morrer. Os tigres e os ursos refugiavam-se nas suas cavernas. Os elefantes têm um cemitério próprio.

## Um garoto de 1944



—O que queres tu mais? Já te comprei uma espingarda, uma pistola, um tanque.

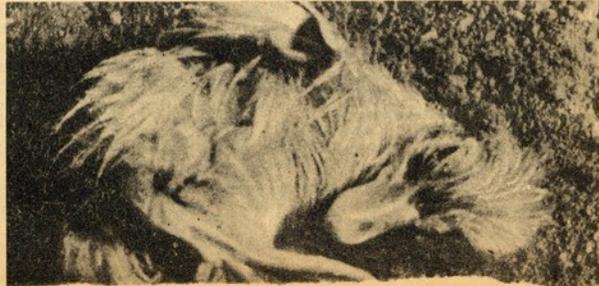
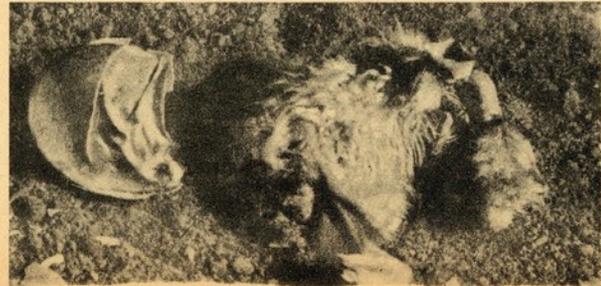
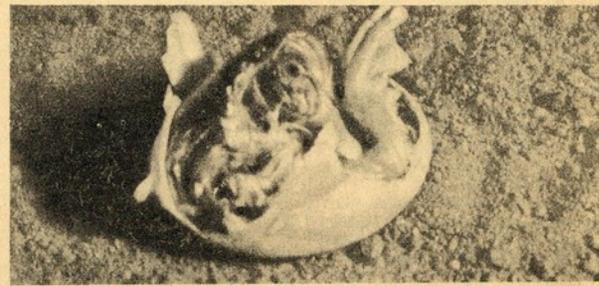
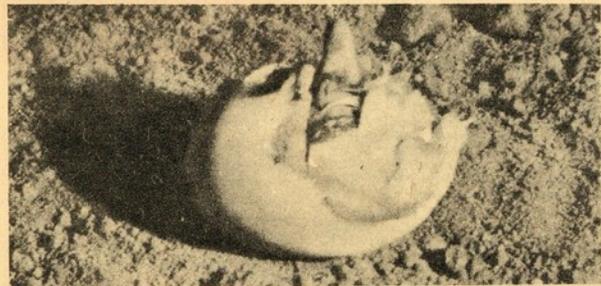
—Quero gás asfixiante!...

## NASCEU UM PATO

**N**ESTAS quatro belas fotografias podem os leitores ver outras tantas fases do nascimento de um pobre pato. E dizemos «pobre» pois sabido é que mais tarde ou mais cedo o inofensivo animalzinho será degolado pela mão de alguma cozinheira e, depois, muito bem cozido com arroz para prazer dos apreciadores.

Mas reparem bem no ar fatigado e tristonho do pobre pato.

A primeira coisa a ver a luz do sol é o seu enorme e desajeitado bico.



com que fura a casca do ovo. Depois, vai uma pata, a outra, e consegue, finalmente, desenvenilhar-se daquela incômoda posição de novelo, como um contorcionista num número de circo.

Na terceira fase, fica de papo para o ar, pesado, molengo, sem energias para se levantar. O corpo está todo umedecido e o sol acariciador em breve o secará.

Na quarta fase, dá o patinho o primeiro balanço para se levantar. É uma operação sempre difícil e só a consegue, como uma criança, à custa de inúmeras quedas.

Pobre pato! Quem sabe se àquela hora não estarão a afilar a faca que, mais tarde, o há-de matar!...

# RADIO

## Nota da semana UMA FRASE FEITA

UM dia pediram a alguém nosso amigo, que falasse do papel do Rádio na vida moderna. Esse alguém, por timidez, apenas foi capaz de titubear: «É uma das grandes vitórias do homem sobre a Natureza». Era uma frase feita que opanhara em conversa de café ou em livro de divulgação... Têm as suas qualidades as frases feitas, quando não são totalmente inexpressivas e, portanto, imbecis...

E esta, tão usada, tão em moda — como qualquer dos calões «chiques» das meninas «swing» — é o «slogan» dos apologistas do valor inerente às obras do homem...

Esse alguém tinha a paixão (creio não estar exagerando) pelo homem em geral. Extasiava-se, ficando embevecido e sentindo-se uma nulidade — que não era — perante qualquer máquina de escrever ou de calcular... E era então um longo panegirico à obra humana. «Vê tu — dizia — se estas maravilhas não compensam todas as asneiras... Vê tu, se a obra do homem, vista do alto, de cima, em conjunto, sem descer até pormenores — em síntese, enfim — não é fabulosamente extraordinária... E não me falem dos males da máquina e do embrutecimento que ela traz!... Nós é que não conseguimos adaptar-nos ao ritmo vertiginoso do nosso próprio desenvolvimento... Nem sequer possuímos a consciência das maravilhas que temos feito... Não vemos que o Rádio está continuamente e no seu ritmo rapidissimo, alterando todos os aspectos da vida... Compara o tempo que os cartos do «Terrível» levavam da Índia a Lisboa e ouva uma emissão da Saúde da Emissora, por exemplo... Ein?... que dizes a isto?...»

Este bom amigo era um filósofo — daqueles que, em vez de viverem a vida dinâmica e estonteante de hoje, reflectem sobre ela. Filósofo — dando aqui à palavra o sentido que o vulgo lhe atribue na conversa de toda a hora. Hoje, ao reflectirmos, continuamos a crer que ele tinha razão... Mas esta frase feita dizem-na muitos, dizem-na todos... Falta-lhes só dar-lhe todo o valor, toda a profundidade que o nosso amigo filósofo lhe dispensava... É que este amigo ia até ao fundo do sentido e media todos os pormenores, embora dissesse avaliar em síntese, em conjunto, e pretendesse olhar globalmente a obra humana.

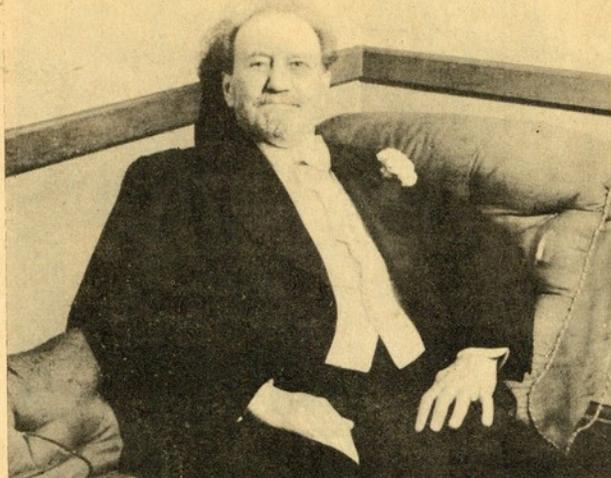
Ele sentia o transcendente valor do Rádio, pesava a sua dificuldade, media os largos limites desta grande vitória do homem sobre a Natureza... Pena é que o Rádio seja considerada por todos — filósofos e papagaios, profissionais e ouvintes — definida nesta grande frase... que não se aprofunda. Maior pena é também, que poucos, pouquíssimos portugueses — incluindo os que têm responsabilidades directas — se lembrem de pensar a sério na solução dos problemas externos e internos do Rádio — «a grande vitória do homem sobre a Natureza»...

I. C.  
F. C. R.

## Sir Henry Wood um grande maestro

A orquestra de concerto «Promenade», de Londres — que todos os rádio-ouvintes conhecem das transmissões radiofónicas — tem, como maestro, uma figura que o mundo artístico aplaude apaixonadamente: Sir Henry Wood. Este maestro (talvez o que maior número de horas de trabalho tem dedicado ao serviço da Rádio), é muito querido de um público competente que vê nele não só a simpatia esultante da sua pessoalíssima figura, como também a arte e a maestria do seu trabalho. A sua péra branca, a sua cabeleira rara, o seu cravo branco e o seu ar simpático e modesto... não se vêem pela Rádio.

Aqui os têm, mostrando Sir Henry Wood — nome de quasi todas as emissões — quando descansava depois do grande concerto realizado no «Albert Hall», de Londres, na noite do seu jubileu.



## «GONGS» CRÍTICA INFORMAÇÃO COMENTÁRIOS

COMECOU a nova temporada radiofónica com os novos programas referentes a 1944-45. A E. N. que iniciou já a sua série de programas de música sinfónica pela Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco, começou também os seus programas de «Variedades», transmitidos de Lisboa.

Mais uma vez, o público radiofónico pode captar as «emissões directas» que tanto lhe agradam... E, mais uma vez vão começar os consequentes comentários, as indispensáveis intriguinhas e a já tão costumada maledicência... Começou, portanto a época radiofónica de 1944-45...

A categoria dum artista — a classe, a personalidade, a naturalidade, o poder de simpatia, etc. — nada tem que ver com publicidade. Isto é claramente demonstrado com os últimos êxitos gravados do velho — podemos chamá-lo assim — Bing Crosby...

No campo ligeiro (o mais acessível e portanto o de mais fácil concorrência), este artista continua francamente mandando no público... Podem aparecer Franks Sinatra, Dicks Haines ou Bob Eberly! Bing Crosby com a sua simplicidade e a sua categoria continua, calmamente, no seu lugar. Grande artista este!

Ouvimos uma emissão de Rádio Continental. Acima de outros defeitos, um queremos destacar: o «jeito» especial, quanto a nós contraproducente de usar um ar falsamente solene, uma seriedade imposta, que — ajudados pelo «pouco sincero à vontade» do locutor — não agradam e irritam. Não compreendemos, aliás, aquêle sectarismo injustificável: só música séria. Porquê? Nem tanto ao mar, nem tanto à terra...

Ouvimos há dias uma experiência de voz que nos deu que pensar... A pessoa em questão — menina com 17 ou 18 anos, multíssimo «bems» no seu estudado jeito moderno — quis, aparecendo modestia e competência, ser ouvida. E foi. E foi uma desgraça... Nervoso? Insuficiência? Não sabemos.

Meninas prendadas: querem um conselho amigo? Deixem de querer ser cantoras e preparem-se para ter muitos merinos ou ser perfeitãs na profissão que desempenhem. Até acreditamos haver mais beleza em esperar — bordando flores em pano azul por detrás duma janela... — pelo príncipe encantado que tarda em aparecer, do que em gargantear para os microfones, imitações e desfaçanhas sem naturalidade, perfeição, jeito, etc. E depois, aquêle que tem «jeitinho», ou que pode vir a tê-lo, nunca é descoberto por si próprio. Há sempre alguém que o descobre e éle, quasi

sempre, ao fim de muito tempo, ainda não acredita nesse «jeitinho»...

\*\*\*

Rádio Clube Português, uma estação a que a rádiodifusão deve progressos e donde têm saído alguns dos melhores elementos da nossa Rádio, deixou cair os seus programas directos, que chegaram a ter muito interesse. Sabemos que a direcção de R. C. P., encarando o problema bem de frente, procura, pelo melhor processo, dar aos ouvintes desta estação programas com os melhores artistas do nosso meio numa colaboração fixa.

Sinceramente, apoiamos e felicitamos a direcção de Rádio Clube Português. Oxalá a estação da Parede consiga ter um elenco fixo de bons artistas, que possa rivalizar com o da nossa primeira estação. Eisa alguma coisa do muito que a nossa Rádio precisa: concorrência.

\*\*\*

A Rádio-Escolar, assunto quasi desconhecido entre nós, merece à estação oficial do Canadá a melhor atenção. Assim, formou-se recentemente um conselho para elaborar programas escolares e escolher os temas das palestras. A «Canadian Broadcasting Corporation», de acordo com outros organismos oficiais, julga poder levar a efeito todo o vasto programa da Rádio-Escolar.

\*\*\*

A página final do semanário «Rádio-Nacional» costuma trazer uma lista com os nomes dos locutores das estações oficial e particulares. A inconstância de certos locutores (!?) em certas estações, o desaparecimento dum nome e o aparecimento doutro, a troca de estação, tudo ali se pode ver... E é pouco lisonjeiro para a nossa Rádio ver como um lugar de tanta responsabilidade é tratado tão levemente. Não haverá maneira de tornar fixos os locutores duma estação?

\*\*\*

Temos recebido algumas cartas anónimas... Pequenas ameaças (?), ofensas, etc., tudo tem cabimento no anonimato que encobre um despedido, um invejoso, ou simplesmente um idiota.

Simplemente, nós sabemos muito bem o que estamos a fazer. Não serão essas cartas que modificarão a nossa conduta, porque o que fazemos é produto de estudo amadurecido. Lamentamos, apenas, não o facto de existirem essas cartas anónimas — a que não damos importância — mas a sua ligação com a Rádio Portuguesa. É pena que uns senhores com a mania da celebridade prejudiquem tanto e tanto a necessidade do apoio e do esforço de todos. Mas... vovozes de burro não chegam ao céu... felizmente. E a nós nós não nos melindram nada. Venham mais cartas anónimas...

## EXITOS DA RADIO

ATÉ MAIS VER...

Música: Belo Marques  
Versos: Patrício Alvares

O mais certo neste mundo, eu sei, é a dor: Mar imenso sem ter fundo que é lei do próprio amor...

Mas, se acaso a despedida para ela mais corre, vibra em nós por toda a vida, em saudade que não morre.

Até mais ver, esta expressão acorda em mim a dor sem fim, vivida então, quando, ao partir, sem o sentir, deixei perdida, com um adeus nos olhos teus a minha vida.

Da amurada do navio, o cais, foi reduto, do clamor vago e sombrio duns ais que ainda escuto,

ao recordar o momento em que, muito devagar, ia sendo eu, desalento... e tu... um lenço a acenar.

(Criação de Milú ao microfone da Emissora Nacional).

## Cartas dos ouvintes

Endereço: Rádio, «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 69, 2.ª — Lisboa.

M. A. PEREIRA — Não sabemos porquê. No entanto, tudo é possível nesse sector. Continue a insistir.

«CARO OUVINTE» — Não podemos ouvir tudo. Pode crer que no próximo programa estaremos à escuta. «EU» — Não respondemos a perguntas desse género. Dirija-se ao visado.

PEDRO CARLOS SERRANO (Entroncamento) — «...é demasiado severo para com a nossa Rádio. Eu, que a olho pelo lado optimista, não gosto que os outros a observem pelo lado pessimista. Enfim, eu não sei quais são os recursos financeiros dela, mas uma coisa é indubitavelmente certa: é que possuímos óptimos elementos...»

— A diferença, meu caro senhor, é só uma: o senhor vê a Rádio de fora para dentro; a pessoa que acusa vê-a de dentro para fora... Mas... quem sabe? — talvez os dois tenham razão!

A GALANTARIA DE ANTONIO RAMOS



António Ramos era um autêntico gentil-homem. Elegante, distinto, vestindo com aprumo, de monocúlo, tão bem educado e modesto que se apagava, intencionalmente, para que os outros brilhassem à sua volta, era o que se pode chamar um modêlo de boa e sã galantaria. Uma vez, num dia de dezembro, uma senhora queixou-se do imenso frio:

— Estou gelada!  
 Imediatamente António Ramos, num sorriso:  
 — Quere V. Ex.<sup>a</sup> meter as mãos nas minhas algibeiras?

UM DITO DE CHABY



Já tinha fechado a temporada do «D. Amélia». Chaby partia no dia seguinte para Vichy e viera despedir-se ao teatro dos companheiros de «tertúlia» que ainda se conservavam em Lisboa. Ao último apêrto de mão exclamou para o grupo:

— Muito felizes deviam ter sido o Noé e a família durante o dilúvio...

E, como os assistentes se entreolhassem numa vaga expressão de mistério, Chaby, concluiu o seu pensamento:

— Ao menos durante o dilúvio não era preciso ir para as águas!

ANGELA PINTO



Uma tarde — conta Eduardo Schwalbach, um dos da tertúlia, com a sua mefistofélica barbicha sorridente — Angela Pinto entrou muito apressada no «D. Amélia» e pediu a lista dos telefones, que começou a folhear nervosamente.

— Que é Angela, que aconteceu? — inquiriu alguém.

— Sou eu que preciso hoje, sem falta, de quinhentos mil réis...

As páginas passavam, os nomes também, enquanto ela ia monologando em voz baixa:

— Este não... Este ainda menos... Este não tem onde cair morto...

De repente parou, um largo sorriso aflorou-lhe aos lábios e exclamou, apontando com o dedo um nome na lista:

— Este é muito bom... Mas fica para o inverno!

AINDA A ANGELA PINTO



Angela Pinto — a grande e endiabrada Angela — fez uma larga viagem por Espanha na companhia dum dos nossos escritores mais católicos. Visitou algumas dúzias de igrejas. No dia seguinte ao do regresso, entrou no «Jardim de Inverno» do D. Amélia e, como lhe perguntassem: «Então, Angela, que tal?» logo ela respondeu, numa gargalhada, sacudindo a saia:

— U!!! Venho a abarrotar de caedraís!

O JARDIM DE INVERNO



O antigo Teatro «D. Amélia», que depois se chamou Teatro «Repúblicas» e hoje é «tout court» o «São Luiz» completou, há pouco, 50 anos de existência. As suas bodas de ouro com o público celebraram-se, não apenas com uma sessão evocativa e o já clássico «Pôrto de Honra», mas com um melhoramento, — nem mais nem menos do que a transformação do seu tradicional «Jardim de Inverno» num elegante e confortável salão de festas, com um «bar» acolhedor e um pequeno palco, ao fundo, para atrações. O «Jardim de Inverno» do «D. Amélia», que agora virou a casaca para o modernismo, digamos assim, não teria sido uma Academia, mas foi, durante algumas décadas, o prolongamento da célebre porta da Havana. Ali se reuniam, todas as tardes, escritores, jornalistas, artistas e até políticos, conversando, comentando, fumando, fazendo espirito, contando anedotas, numa atmosfera de afectuosa camaradagem, que era um encontro e um exemplo. As coisas passam. O velho Jardim de Inverno passou. Aqui desfolhamos, sobre a sua memória, num comovido adeus, algumas violetas — e meia dúzia de anedotas...

OS CONQUISTADORES



A conversa ia animada. Em volta do rechonchudo e fumegante charuto de São Luiz Braga agrupavam-se os «habitués» do costume. A certa altura, alguém falou do visconde de «X», conquistador impenitente, que falecera na véspera, com pouco mais de quarenta anos.

— É curioso — notou António Ramos — que os grandes conquistadores morrem, em geral bastante novos...

André Brun deu um salto:  
 — O António, mas que culpa tenho eu de não ter morrido ainda?

AS DISTRAÇÕES DE SÃO LUIZ BRAGA



O visconde de São Luiz Braga que estamos a ver no «Jardim de Inverno» do seu teatro, górdo, papudo, risonho, uma cabeça de frade com bigode de «Lavalrière», tinha distrações quasi inconcebíveis. Uma ocasião, ao subir o Chiado, a caminho do D. Amélia, no seu habitual passo lento, encontrou uma senhora das suas relações, coberta de crêpes, a quem tinha morrido o marido semanas antes.

— Os meus sentidos pêsames, minha senhora. Cria que lamento sinceramente a perda de seu marido...

E logo depois, num cúmulo de distração:

— E só tinha êsse, não é verdade?



(Caricatura de Zéco)

LAURA ALVES ou a nova Marília de Dirceu

Ó Laura teus olhos	Mal vi o teu génio,
São vis e culpados,	O sangue gelou-se,
Que sofra, que sofra	A lingua mordeu-se
Os ferros pesados	Tremi e mudou-se
De injusto Senhor.	Das faces a côr.
Ó Laura, escuta	Ó Laura, escuta
Um admirador.	Um admirador.

OS LADRÕES

Todos os dias os jornais abundam em notícias de roubos e furtos. Roubar e furtar são instituições antiqúissimas. Nasceram — ó paradoxo! — com a posse e com a propriedade; têm caminhado a par destes respeitáveis direitos; e a sua evolução constitui, senão em essência, mas pelo menos em fantasia espectacular, um dos mais curiosos capítulos da história criminal. Na verdade, os processos de furtar, produtos duma imaginação, por vezes, bastante engenhosa, desafiam hoje, em poder criador, os autores dos folhetins e das fitas chamadas policiaes. Há casos de furto, de burla, de abuso de confiança, que enfileiram, sem lisonja, no melhor Arsène Lupin. Dantes um policia, com um chanfalho, um apito e uns bigodes, podia considerar-se preparado para a grave missão da sua estratégia. Hoje, não. Hoje um policia, sobretudo um policia de investigação criminal, tem de ser, além do mais, um psicólogo e um homem de ciência. Se ainda há, por esse mundo, o gatuno grosseiro, vulgar, primitivo, «pilha-galinhas», sem título, sem comendas e até — cândida inocência! — sem prisões, em grande número, acompanhando a civilização, existe o gatuno técnico, científico, minucioso, que arquiteta o seu plano, que opera por fórmulas algébricas, que pratica os métodos indutivos, que, em vez do acaso e da aventura, prefere a ciência certa e os cálculos exactos, e que se não mete à prática da sua indústria — digamos assim — sem ter estudado, em cada caso particular, a sua vítima — por fora e por dentro. Dir-me-ão que ser um gatuno moderno não é fácil. Sim, não é. Mas ser um bom policia ainda é mais difícil...

ESTUPENDA OBRA DE AVENTURAS  
A VOLTA AO MUNDO  
POR DOIS AVENTUREIROS

AUTORES

HENRY DALTON E PHILIP GRAY



UM SALTO NO DESCONHECIDO

Dois homens intrépidos—Roger e Alex—evadindo-se do Tércio, empreendem um jornada heroica através do Norte de África.

O TÚMULO DO FARAÓ

Os audaciosos Roger e Alex são arrastados para uma empresa misteriosa e imprevista.



PERDIDOS EM ÁFRICA

A acção decorre, em grande parte, na Etiópia e na África Oriental Inglesa, onde os heróis praticam façanhas extraordinárias.

OS MISTÉRIOS DA ÍNDIA

Romance de coisas tétricas, estranhas e maravilhosas, vivido intensamente pelos dois heróis.



AS FÚRIAS DO PACÍFICO

Roger e Alex transformam-se em intrépidos marinheiros.

DO HIMALAIA AO TIBET

Constitue uma narrativa inolvidável, pelas peripécias de autêntica epopeia vivida pelos heróis.



Uma reportagem com  
**Carlos Pinheiro**—o autor  
da Chocadeira "Pinta-Preta"



O professor sr. Carlos Pinheiro nos seus estudos de investigação científica

Hoje, «Pinta Preta» é uma chocadeira cuja marca se tornou bem conhecida, e o sr. Carlos Pinheiro acrescenta:

— A preferência do público está no facto de ter grandes vantagens sobre as que se estavam vendendo no mercado. De resto, o meu estudo de muitos anos levou-me a concluir que as incubações podem agora fazer-se praticamente de graça, não precisando a chocadeira «Pinta Preta» de ser vigiada. Também não tem o inconveniente de produzir fumo ou cheiro, o que seria tão desagradável num aposento, pois esta tão útil e económica, incubadora pode até ser colocada dentro de casa, porque constitui um móvel vistoso e decerto modo «chic».

— E como funciona a incubadora da sua invenção?

— Muito simplesmente, não calcula. Até pode ser manejada por uma criança, o que proporciona à boa dona de casa um interessante passatempo, com a vantagem de poder, com pouco trabalho, repovoar a cada passo a sua capoeira de dezenas de pintainhos. Isto para não falar da alegria e riqueza que representa a posse duma tal fonte de alimentação caseira.

— Consta-nos que val fazer grandes exportações da sua «Pinta Preta». É verdade?

— Estou já a exportá-las em pequena escala, visto as condições actuais não permitirem um maior incremento, mas, em compensação, a venda no continente tem sido mais que animadora. Actualmente, estou representado em Lisboa, Luanda, Lorenzo Marques, Londres e Nova-York...

E, cheio de entusiasmo e confiança, o sr. Carlos Pinheiro acentua:

— Não estranhe a indicação destas últimas cidades. Vou mostrar-lhe duas cartas: uma de Londres, confirmando a representação da minha marca de chocadeiras na Inglaterra e Domínios Britânicos, e a outra, de uma firma de Nova-York, revelando um grande interesse pelo exclusivo de venda em toda a América do Norte.

A entrevista estava feita, com grande desvanecimento e orgulho para nós, portugueses. Restava-nos agradecer ao sr. Carlos Pinheiro a gentileza que nos dispensou e o seu cálice do Pôrto Ramos Pinto que nos ofereceu. A saída, porém, não quisemos deixar de felicitar o ilustre cientista que conseguiu revolucionar a indústria da avicultura. Num país essencialmente agrícola como o nosso, esta vitória constitui mais um elemento que valoriza a reprodução de aves e dará a todos o gosto de possuir uma capoeira.

Pôrto, Outubro de 1944.

LAURENTINO DOS REIS MELO

**E'** um princípio elementar de justiça, além da tarefa agradável, divulgar o nome daqueles que, pelo seu próprio esforço, conseguem vencer a rotina.

O sr. Carlos Pinheiro é um professor distintíssimo que marca uma posição de destaque desde que, em 1923, criou um «Curso de Contabilidade Digráfica», cujas normas, mais tarde, foram até às nossas Colónias.

Dedicou-se, porém, nestes últimos anos, a estudos científicos e, baseando-se na má conductibilidade do calor de determinadas matérias, conseguiu construir uma chocadeira sem foco calorífico subsidiário, isto é, sem dispositivo para o seu aquecimento, de modo que a incubação dos ovos de galinha, patas e peruas faz-se sem gastos de petróleo, corrente eléctrica ou qualquer combustível.

Estavamos, portanto, perante um caso curioso que seria interessante divulgar. E, assim, resolvemos falar com o sr. Carlos Pinheiro, que fomos procurar em sua casa, num gabinete de trabalho confortável, sem excluir certos requintes de arte. Encontrámo-lo entregue a estudos de microscópio.

Quando nos fizemos anunciar, o sr. Carlos Pinheiro levantou-se e veio ao nosso encontro, com o melhor dos seus sorrisos, disposto a uma explicação clara e bem fundamentada.

— Desejavamos — dissemos — que nos desse informações sobre as suas chocadeiras «Pinta Preta», porque consideramos quanto nos diga de grande interesse para os leitores da «Vida Mundial Ilustrada».

O grande professor dispôs-se a falar-nos como se de há muito fôssemos velhos amigos, e diz-nos:

— Os meus sentimentos de gratidão pela primeira ave que nasceu na chocadeira inicial que construí fizeram-me sugerir o nome de «Pinta Preta», e assim a minha incubadora ficou com a designação e cor do primeiro ser vivo que nasceu dentro dela.

A VOLTA AO MUNDO  
POR DOIS AVENTUREIROS

É UMA EDIÇÃO DA

AGÊNCIA EDITORA BRASILEIRA  
RUA IVENS, 26—LISBOA

## CORRESPONDÊNCIA

Artur Varatojo (Lisboa), Carlos Idães (Lisboa), Rodavilas (Evora), R. P. (Lisboa), Detective Janes (Setúbal), José Balsamo (Lisboa), Duarte Cochofel (Pórtio), Mário Marques Duque (Lisboa), Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros) — Registo com pesar que deciframos bem apenas a primeira parte do problema n.º 18. Assim, ainda que tenham dado a menção honrosa, não podem ser incluídos no Quadro de Mérito deste número. Mas para a próxima vez será, não é verdade?

Inspector Manardo (Setúbal) — O problema que V. me enviou é simples em demasia. Veja se arranja uns problemas mais trabalhosos. Conto consigo. Quanto à novela, o director ainda não se pronunciou. Comunico que o Inspector Manardo apresenta cumprimentos a Ivone Costa (Lisboa), e deseja travar conhecimento com «Philo-Vance» (Setúbal).

Alberto de Oliveira (Lisboa) — Leia com atenção a resposta que dei no n.º 175 a Ivone Costa (Lisboa). V. anda pessimamente informado, e as suas deduções quanto ao meu «mistério» caem pela base. Isso é muito mau para um detective.

All-Round Detective (Maфра) — Cria que registo com agrado o seu aparecimento. E a sua estrela não podia ter sido melhor, na verdade. Parabéns!

Locutor 13 (Pórtio) — Sim, senhor, o seu método de dedução foi graciosamente original e muito brilhante. Parabéns!

Duarte Cochofel (Pórtio) — Tinha razão. Foi um lapso o seu nome não ter saído no Quadro de Mérito do problema n.º 16. Mas já está tudo rectificado. Conta actualmente com 4 soluções.

R. P. (Lisboa) — Vou estudar o seu problema original. Depois lhe darei a minha opinião. Obrigado pelos cumprimentos.

M. (Algés) — Lastimo, mas a sua solução do problema n.º 17 não foi aceite por vir imperfeita ou atrasada. Quanto ao restof nada tem que agradecer. Eu é que lhe agradeço o seu entusiasmo e a sua valiosa colaboração.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 19

Logo de princípio, Marwell pensou que o «cocktail» envenenado não devia ter sido preparado por Richard Still, pois este era «barman» e seria estúpidez da sua parte chamar tão grande suspeita sobre si.

Contudo, quando voltou a casa de Locke para examinar o cadáver de Ângela, Marwell concluiu imediatamente que o assassino e envenenador fora David Nissen por duas razões principais:

1. — Nissen dissera que estava lendo, na cadeira de repouso, quando Ângela fora assassinada. Ora a cadeira estava fechada e junto dela não havia qualquer livro.

2. — Still declarara que Ângela fora morta pelas costas, quando saíra de casa. Se assim fosse ela devia ter caído de frente e não de costas como se vê na foto.

David Nissen confessou o seu duplo crime. Por questões de rivalidade comercial, resolvera envenenar Locke e aproveitou a presença de Still para preparar um «cocktail» fatal. Mas Ângela suspeitara dele e vira-se obrigado a matá-la, quando ela estava a telefonar. Depois aproveitando a ausência de Still e de Greta que passeavam, como dois perfeitos enamorados românticos, trouxe o cadáver de Ângela para o jardim e estendeu-o no solo. Mas esqueceu-se da posição em que o corpo devia ter caído e esqueceu-se também da cadeira fechada...

Natércia Leite (Lisboa) — Peço-lhe o obséquio de ler em «Os nossos Concursos Mensais» a resposta à sua pergunta, aliás justíssima e oportuna.

REPÓRTER MISTÉRIO

## PROBLEMA N.º 20

### A morte veio inesperadamente

A maneira que esta primeira série de problemas se aproxima do fim, vão-se firmando as posições dos melhores solucionistas. E a expectativa pelos próximos «Concursos Mensais» é já grande, pois todos eles desejam figurar no Quadro de Honra dos vencedores.

Até lá, porém, devem continuar a treinar-se, persistentemente, com estes problemas. Há alguns que desistiram ao primeiro fracasso. Esses não são bons lutadores. É necessária muita persistência, acima de tudo. Lá diz o velho rifão: «Querer é vencer». Vamos a ver os que acertam com a solução do problema n.º 20. As respostas devem dar entrada nesta redacção até ao dia 25 de Outubro, inclusivo.



1 Um dia, passeando na praia o nosso conhecido inspector Cobb, encontrou a encantadora Lina Scott num dos seus habituais banhos de sol. Lina Scott matara uma criança num acidente de automóvel, havia tempos, em que ela própria se ferira ligeiramente num tornozelo. Mas saíra sob fiança e agora aguardava o próximo julgamento. Conversaram um pouco e Lina mostrou-se confiante.

2 Mas, nessa mesma tarde, Cobb foi chamado à pressa à vivenda de Lina Scott, pois esta suicidara-se. Cobb não escondeu a sua surpresa. Aquela morte fora, na verdade, bastante inesperada para ele. Aliás, o médico dentista Xavier Vara, primo de Lina, parecia também muito espantado. Cobb examinou o cadáver e demorou-se a olhar o tornozelo que fora ferido no desastre de automóvel.

## CONCURSOS MENSAIS DE MISTÉRIO E AVENTURA

O interesse pelos próximos Concursos Mensais aumenta de número para número. Como prova, insofismável estão as cartas e os postais que recebemos diariamente. Temos, porém, de informar os nossos queridos leitores que não devem demorar o envio dos seus problemas — aqueles que desejem ser produtores, é certo — para que os possamos seleccionar e preparar com a devida antecedência.

Em resposta a algumas perguntas devemos informar os leitores do seguinte: Cada produtor tem direito à marcação do ponto correspondente à solução do seu próprio problema. Compreendem? Pelo facto dum leitor ver um problema seu publicado num dos números do mês não pode ficar em desigualdade de pontuação declarando apenas 3 problemas, quando os outros solucionistas — não produtores — podem apresentar 4 soluções. Portanto, por cada problema conta-se um ponto como solucionista ou o seu autor, o que equivale por assim dizer

à distinção do seu problema ser escolhido.

Dos problemas que temos recebido estamos já a fazer a respectiva selecção. Mas aguardamos ainda mais e melhores, para que os Concursos Mensais possam alcançar o objectivo desejado de pôr à prova a sagacidade e a perspicácia de todos os leitores de «Mistério e Aventuras».

Serão elaborados dois «Quadros de Honra» para inscrição de todos os vencedores mensais, produtores e solucionistas, continuando o «Quadro de Mérito» a inscrever os nomes referentes a cada problema.

Alguns leitores desejam saber se podem concorrer com mais dum problema. Pois claro, a questão é apenas uma: os problemas devem ser bons!

E, brevemente, daremos, enfim, o regulamento interno, já completo e definitivo, dos nossos «Concursos Mensais». Até lá podem mandar-nos as vossas sugestões, que são sempre bem acolhidas.

### Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 18

(Por ordem alfabética)

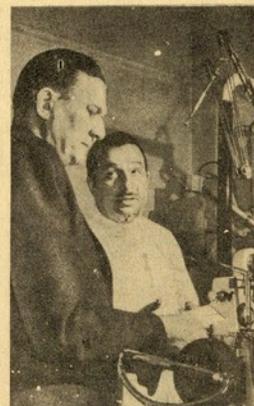
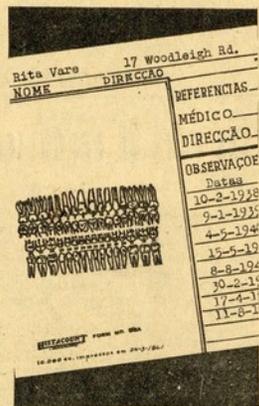
#### MÉRITO ABSOLUTO:

- (3) A. Faria de Aboim (Lisboa).
- (14) Alberto de Oliveira (Lisboa).
- (11) Alberto de Penamacor (Coimbra).
- (1) All-round Detective (Maфра).
- (8) António C. Bernardo (Loures).
- (1) Dinsman (Lisboa).
- (13) Ivone Costa (Lisboa).
- (15) João Alberto Gouveia (Lisboa).
- (17) Leiria Dias (Lisboa).
- (3) Locutor 13 (Pórtio).
- (13) Mimi Sherlock Holmes (Lisboa).

- (17) Natércia Pereira Leite (Lisboa).
- (1) Repórter Guadiana (Paredes).
- (13) Teimoso n.º 1 (Loulé).
- (5) Três Sombras (Lisboa)
- (17) Zírteba (Lisboa).

#### MÉRITO RELATIVO:

- (7) Adolfo Lima (Famalicão).
- (10) M. (Algés).
- (11) O Lobo Solitário (Pórtio).
- (10) Philo Vance (Setúbal).
- (12) Rapsag (Setúbal).
- (12) Rómulo (Lisboa).



3 Tudo parecia indicar que Lina Scott se suicidara por desespero. Ela segurava ainda a espingarda com que se matara, desfigurando o rosto quasi totalmente. Xavier Vare mostrou uma papelita do seu consultório, segundo a qual Lina Scott andava a tratar da dentadura. Para que se suicidara então?

4 Cobb, contudo, não se dava por satisfeito. Foi ao consultório de Xavier Vare examinar melhor o ficheiro de Lina Scott. Era, de facto, idêntico à papelita que o dentista lhe mostrara. Então, ele falou e disse porque é que a morte vierá assim tão inesperadamente... Qual a dedução do inspector? Porquê?

(Leia solução no próximo número.)

## O lugar da França

**N**O meio da tormenta, ainda com a guerra dentro do seu solo, núcleos alemães ainda dispersos na sua retaguarda, a França faz o esforço necessário para recuperar a sua própria ordem e a sua grande condição europeia. O processo político que vem desde Argel chega às suas últimas páginas, com o Governo provisório da presidência do general Charles De Gaulle estabelecido em Paris e o anúncio da convocação, para o mês que vem, da Assembleia Consultiva, que é o equivalente do órgão representativo, isto é, do Parlamento. Os componentes dessa assembleia não foram eleitos nem têm poder deliberativo, mas formam, em boa verdade, um corpo a que se pretende dar o carácter de interpretativo das diferentes correntes de opinião integradas no movimento libertador.

As circunstâncias fazem reaparecer, em muitos aspectos, o cenário familiar da política francesa anterior a 1939. Ao mesmo tempo que se revelam nomes e situações novas, vemos, realmente, reaparecerem figuras de que se tinha perdido notícia. Assim, tendo-se resolvido que fosse aumentado o número de pessoas com lugar na Assembleia Consultiva — que vai reunir-se no Palácio de Luxemburgo, onde funcionava o Senado — com representantes do movimento de resistência que se manteve em actividade, durante a ocupação, e com parlamentares das duas câmaras que funcionavam ainda em Junho de 1940, foi indicado para a sua presidência o nome de Paul Boncour, uma das personalidades de maior evidência na política francesa, de antes da guerra, de quem, até agora, não voltara a falar-se. Os presidentes eleitos das duas assembleias que compunham o Parlamento francês estão impossibilitados. Edouard, mais do que deputado, foi levado a Lyon para a Alemanha; e o presidente do Senado, sr. Jules Jannenev, é hoje ministro conselheiro do gabinete De Gaulle.

Outra personalidade que reapareceu foi o sr. Albert Lebrun, que era o Presidente da República à data da queda da França. Lebrun, que fez uma carreira política dentro da maior ponderação, homem discreto, que viera das escolas de engenharia, apagara-se totalmente. Quando, nas horas dramáticas da queda da França, mais decidida, mais firme, mais determinantes pretendia transferir-se para o Norte de África, com os selos do Estado, e daí continuar a luta, com a força da existência legal, foi a indecisão de Lebrun, vencido pela persistente actividade de Laval, que fez abortar o plano. Lebrun ficou e, com ele, ficaram os presidentes das duas câmaras e o já então Chefe do Governo, marechal Pétain, que pessoalmente se recusara a seguir, mas que acedera a conferir poderes especiais ao vice-presidente do Conselho, Camille Chautemps, que tomara o comando do grupo. Agora, Lebrun reapareceu oficialmente, tendo-se atribuído alto significado político à sua visita a De Gaulle.

A visita tem, evidentemente, significação política, mas não se lhe pode atribuir, entretanto, motivo de quaisquer consequências legais. Lebrun, em boa verdade, renunciara. Um texto publicado no boletim oficial de Vichy, com data de 10 de Julho de 1940, a que se deu a designação de «Lei Constitucional», diz:

«A Assembleia Nacional adoptou e o Presidente da República promulga a lei constitucional seguinte:

Artigo único — A Assembleia Nacional outorga todos os poderes ao Governo da República, sob a autoridade e a assinatura do marechal Pétain, para o efeito de promulgar por um ou vários actos uma nova Constituição do Estado francês».

O documento traz as assinaturas do Presidente Lebrun e do marechal Pétain. No dia seguinte publicaram-se três actos constitucionais. Ao primeiro, que começa pela fórmula: «Nós, Philippe Pétain, marechal de França», este declara assumir as funções de Chefe de Estado; os outros já aparecem encabeçados pela fórmula: «Nós marechal de França, Chefe do Estado francês». A assinatura de Lebrun desapareceu, mas foi ainda pela sua presença no primeiro dos documentos que citamos que se estabeleceu a favor do novo regime o vínculo de continuidade jurídica e foi por essa via que o regime de Vichy viu justificada a sua existência legal.

É certo que Lebrun estava escudado nas decisões do que pudera reunir-se de parlamentares para a assembleia que funcionou no Casino de Vichy e que, por 569 votos contra 80, decidira confiar todos os poderes nas mãos do marechal; é certo que Lebrun agiu sob a convicção ou sob o sentimento, então perfeitamente dominantes, de que a Inglaterra não poderia resistir e que não lhe restava para percorrer outro caminho que não fosse a via de sofrimento que a própria França viera de percorrer. Mas Lebrun vaidou, com a sua assinatura, a ascensão de Pétain e o seu próprio eclipse.

(Continua na pág. 14)

## CHINA

### TRINTA E TRÊS ANOS DE REPÚBLICA

NO dia 10 de Outubro o povo da China comemorou o 33.º aniversário da implantação da República Chinesa. A revolução chinesa que destruiu a última dinastia e lançou as bases políticas para a construção da república, foi uma consequência da realidade de então. O povo chinês sabia que, para o progresso social, político e económico da Nação, pre-

cisava da instituição duma nova estrutura política. E, desde então, o povo chinês tem dedicado toda a sua energia para a introdução das reformas em todos os ramos da vida nacional, a fim de criar uma China unida, moderna e poderosa, em parte já realizada, quando o Japão veio às suas fronteiras provocar lágrimas e sangue.

Hoje, que a China vive um momento decisivo da sua história, o povo depois de ter suportado sofrimentos extremos e profundas privações, continua valoroso e denodadamente contra o invasor, sem deixar de se entregar com entusiasmo à reconstrução nacional, ao desenvolvimento dos recursos naturais do país, à realização dos ideais democráticos.

Sem dúvida, essas condições de luta, esse espírito de força, essa cooperação que lhe vem de fora e que fortalece a energia interna da China, tem encontrado na razão q' e lhe assiste de ser livre, um dos factores principais dessa mesma cooperação, servida por uma hábil diplomacia. A frente desse movimento de simpatia, como primeiro agente de ligação com o mundo, Madame Chang-Kai-Chek representa o expoente máximo da China. A sua acção, as suas palavras, comoveram e convenceram o mundo da verdade que a China vem vivendo. E, atrás dessa mulher de estranha inteligência e força de vontade, seguiu uma coorte de elementos que no mundo se votaram à causa da China republicana.



O dr. Henry Kunghui Chang, illustre ministro da China em Lisboa

## CHINA



«Em 1945 venceremos o inimigo!» — disse, há pouco, o generalíssimo Chang-Kai-Chek. E todos os chineses e chinesas lançaram mão do papel que lhes caberia na vitória, para que esta chegue mais rápida, tão rápida como o pode desejar um povo triturado sob o sacrifício, cansado de lutar contra um inimigo forte, organizado. Trezentas mil chinesas trabalham na construção de estradas, ao lado dos soldados e operários, seus irmãos de raça. Na foto, assistimos à construção de um aeródromo donde estão a levantar vôos as fortalezas voadoras que atacam o Japão e o norte da China. A máquina não pode aqui ser empregada por dificuldades de transporte e de distância.

## ALEMANHA



Muitas vezes, durante esta guerra, se tem perguntado por Leon Degrelle, o célebre político belga, fundador do partido «Christus Rex» — o rexismo — que tanto advoga a colaboração com os países do Eixo. Esta fotografia mostra-nos o dr. Degrelle, que é o primeiro à direita e está de braço erguido na saudação fascista, na altura em que Hitler o condecorava com as folhas de carvalho da cruz de cavaleiro da Cruz de Ferro e, ainda, como especial distinção, a presilha de ouro, por coragem pessoal em lutas corpo-a-corpo com o inimigo. Leon Degrelle comanda actualmente os voluntários SS da brigada de carros blindados.

A seu lado, vemos o general Steiner, comandante das tropas SS, ao ser cumprimentado pelo Führer, que acabava de lhe entregar a cruz de cavaleiro da Cruz de Ferro.

## FRANÇA

### DOIS E DOIS...

Olhando estas quatro fotos, alguém dirá que dois e dois não são quatro? E, na verdade, não são. A estas quatro fotos correspondem apenas duas pessoas — dois franceses ilustres: o primeiro é o general Latre de Tassigny, o segundo Louis Marin. Ambos aparecem como são e, ao lado, em seguida, como se fizeram, para fludir os alemães e os franceses colaboracionistas, na altura em que fugiram da França, a caminho de Londres.

Tassigny, que comandava as forças francesas que recentemente se distinguiram, tinha sido condenado, em

Lyon, a dez anos de prisão. Foi em 1943, e a sentença baseava-se na acusação de Tassigny ter abandonado o seu posto de comando, na região de Montpellier e de ter fomentado uma revolta em França, na altura em que os Aliados desembarcaram no Norte de África.

Louis Marin, que tem 73 anos, foi durante alguns anos, «elder» da Federação Republicana, o maior partido conservador. Como membro do governo de Reynaud, quando se deu o colapso da França, opôs-se ao armistício.



**POLÓNIA**

**MIKOLAJCZYK  
e os problemas  
polacos**



Mikolajczyk, um homem de 43 anos, erguido a Primeiro Ministro do Governo polaco exilado em Londres, é talvez uma das figuras mais notáveis da Polónia actual, se partirmos do êxito que, até certo ponto, representou para o seu país, a viagem que recentemente fez a Moscovo. De origem humilde — seus pais eram agricultores modestos — desempenhou, no princípio da sua carreira política, importante papel na organização cooperativista do distrito de Posnan. Mais tarde, quando o «leader» Wojciech Vitas fugiu da Polónia, para escapar à cõtera de Pilsudski, o futuro Presidente do Conselho torna-se chefe do partido de camponeses polaco — o P. S. A. T. — emigra, depois de algumas lutas e, enfim, com o governo de Sikorski,

é chamado a ministro do Interior. Com a sua morte trágica, num desastre de avião, no Norte de África, Mikolajczyk sobe a Primeiro Ministro do Governo exilado e consegue realizar uma política de entendimento pessoal com Moscovo e é o político polaco mais simpático nos Estados Unidos, onde viveu longos anos emigrado.

Os problemas mais difíceis entre a Polónia e Moscovo são ainda dois: em princípio, a demarcação das fronteiras — com a linha Curzon, com ou sem Wilna e Lwow — e o problema do Governo.

Apesar de ter sido sempre apoiado pela organização da Resistência Polaca, os soviets afirmam que ele não representa a vontade do povo da Polónia. Como se sabe, existe na Polónia uma organização hostil a certas personalidades do governo polaco — organização que tem a sua réplica na U. R. S. S., e que se chama União dos Patriotas Polacos, dirigida pela escritora Madama Wassilinska.

Na própria Polónia, em oposição ao Conselho Polaco da União Nacional — uma espécie de Parlamento clandestino, ligado ao governo polaco — criou-se, em Dezembro um ano, um Conselho Nacional Polaco e que decidiu a formação de um Comité Polaco de Libertação Nacional, cuja sede está em Kulm, uma das primeiras cidades polacas libertas.

Foi este Comité que a U. R. S. S. reconheceu com direitos a exercer a autoridade nas regiões livres.

Como acentua o «Journal de Genève», é preciso não esquecer que, nas regiões orientais da Polónia, a população — quasi toda constituída por grandes e pequenos proprietários — é de origem puramente polaca e de religião romana, o que dá ao conflito um aspecto nacional, primeiro entrave às soluções e dificuldades em que se debate o Primeiro Ministro Mikolajczyk, no meio dos interesses da Polónia que tem de riscar livre e forte. Hoje que o Primeiro Ministro polaco foi a Moscovo discutir com Churchill e Estaline os problemas do seu país, a figura deste estadista tem expressiva actualidade.

Mas, de qualquer modo, a trágica página de Varsóvia, a maior nódoa desta guerra, com um povo erguido no seu heroísmo por aliados que o desaparraram de um lado e de outro — é a mais pungente legenda para os problemas que embaraçam a Polónia.

**ROMÉNIA**

**Um livro de Gafenco,  
antigo ministro dos Negócios Estrangeiros**



POUCAS vezes um homem público terá alcançado a popularidade com a rapidez de Gregório Gafenco. Este nome, ainda há pouco conhecido apenas dum número restrito de pessoas e de círculos, especialmente na Europa, viu-se, de repente, guindado à celebridade mais espectacular e em consequência do seu livro, traduzido para português com o título «Preliminares da guerra a Leste». É certo que esse livro trata da guerra actual e dum dos seus aspectos mais importantes e mal esclarecidos, e a guerra continua a ser, com a sua evolução e as suas consequências, o tema fundamental das preocupações gerais.

Mas, mesmo assim, de todos os livros e de todos os autores que ela veio revelar ou confirmar, Gregório Gafenco deve considerar-se à parte pelo êxito, verdadeiramente extraordinário, que a sua obra alcançou em toda a parte com uma assombrosa rapidez.

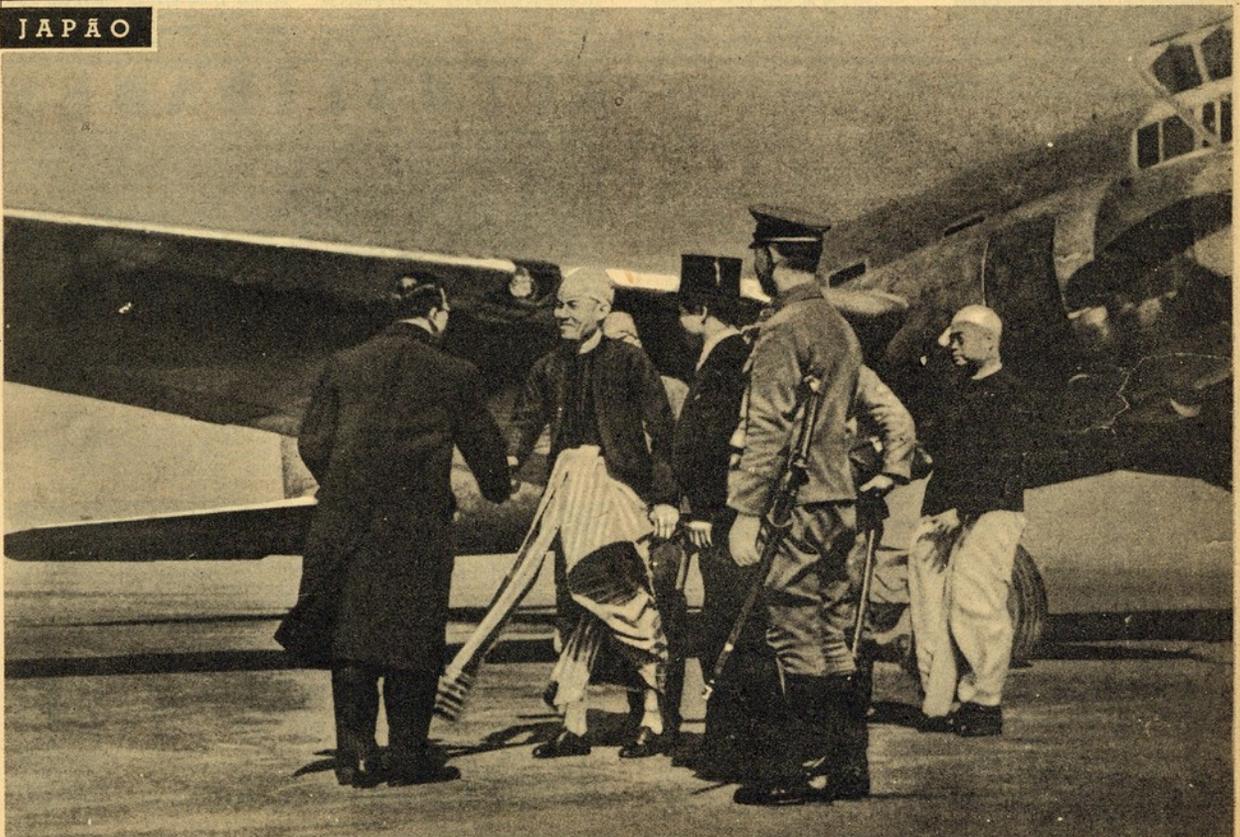
Que circunstâncias há para justificar este facto? E que Gregório Gafenco faz um relato verdadeiro e imparcial daquilo que viu. Conta os factos de que foi testemunha, com uma independência total, sem deixar de fazer justiça mas sem se mostrar dominado pela paixão. Quando uma obra tem estes méritos é certo que o público não deixa de consagrar. A consagração justifica-se, amplamente, quando o tema da obra é da natureza apaixonante daquele que Gafenco desenvolve no seu livro.

Que conta ele, afinal, com uma simplicidade e uma elegância dificilmente igualadas no nosso tempo? O que se passou durante o período que precedeu de perto o início da guerra germano-russa. Para isso, Gafenco possui títulos especiais. Como ministro dos Negócios Estrangeiros da Roménia, durante os anos de 1935 e 1939, e depois como representante do seu país em Moscovo, em 1940 e 1941, Gafenco conheceu, de perto, todos os comparsas do drama temível que nessa altura se desenrolou entre dois impérios que estavam decidindo do seu presente e do seu futuro. Poucos homens terão tido, certamente, um privilégio dessa natureza,

e dêses mesmo, poucos ainda o teriam aproveitado para o estudar em todos os pormenores e para o revelar ao mundo tudo o que puderam presenciar compreendendo o seu sentido profundo, como Gregório Gafenco.

A sua convivência e o conhecimento particularmente estreito que possuía das personalidades que desempenharam no drama gigantesco desenrolado em Berlim, Moscovo e nas principais capitais balcánicas durante esse período febril e sem precedentes, fazem do livro de Gregório Gafenco um testemunho de inapreciável valor, sem dúvida o mais importante que ainda até hoje foi publicado. As figuras do chanceler Hitler e de Estaline, de Ribbentrop e de Molotov, de Sir Stafford Cripps e do japonês Matsuoka, dos reis e dos diplomatas balcánicos, dos homens de Estado da França e da Grã-Bretanha foram da sua intimidade. Por isso Gafenco as trata com uma verdade luminosa que, junta à veracidade perfeita das cenas que relata, fez do seu livro um depoimento único de uma das mais agitadas e importantes fases da história do mundo.

**JAPÃO**



A vida moderna e a tradição, no Oriente, andam de mãos dadas, provocando contrastes que a nós, europeus, nos fazem sorrir. Aqui vemos um desses contrastes: o dr. Bamaui, Primeiro Ministro de Thailandia, esteve, há meses, de visita no Japão. Ele, no traje pitoresco do seu país, saltando de um moderníssimo avião. As altas individualidades japonesas que o aguardavam em Tôquio, como se vê, vestem todas à europeia.

# DOCUMENTÁRIO

## Maria Salazar, um valor novo da Rádio e do Cinema?

Maria Salazar. Sabem quem é? Reparem no seu sorriso e nos seus olhos a prometer um mundo suave de alegrias, reparem no seus cabelos negros, nas flores que lhe dão um exotismo picante. Não lhes lembra a Dorothy Lamour?

Bom. Maria Salazar é portuguesa, tem dezassete anos e um sonho de rapariga a doirar-lhe a vontade de ser artista. Artista da Rádio, artista de cinema. Mas, como galgar as colunas dos jornais, dominar a publicidade e vencer as portas da celebridade — devagar, celebridade em sentido um pouco mais banal... — se ninguém a conhecia, se ninguém a escutava?

Maria Salazar tinha uns versos, uma canção, um fiozinho de voz agradável, um sorriso bonito — e uma vontade teimosa de ser artista. Vamos ouvi-la? De certo. E vê-la. Na Rádio e no cinema, onde acaba de prestar provas. Só não dizemos em que filme e em que posto de rádio — porque não sabemos... e por isso Maria Salazar faz disso, por enquanto, o seu segredo!



**M**ANUEL Rodrigues, à frente da Editorial Cosmos, trouxe ao movimento literário do nosso país um ecletismo e um dinamismo de que não é difícil reconhecer efeitos plenos de benéficos e de interesse, tanto para autores nacionais como estrangeiros. Foi reconhecendo as virtudes de que está cheia a obra de Manuel Rodrigues, e dando conta de que algo de novo e renovador estava a passar-se no campo editorial, que o quisemos ouvir para um apanhado de opiniões e notícias de interesse para o público leitor. Quando lhe perguntamos qual o género de obras de possível preferência do público, ele responde:

— Estes breves anos da minha passagem pela actividade editorial levaram-me à certeza do bom acolhimento do público pelos livros culturais e técnicos. Acho, porém, que este gosto do público português é de recente data. Iniciativas editoriais muito recentes e que alcançaram, contra a expectativa de muitos, verdadeiro êxito, seriam autênticos fracassos 10 anos atrás.

— E dentro dêsse parecer que consiste, decerto, um programa, que se propõe fazer?

— A sistematização dos estudos históricos, nesta fase decisiva da vida do homem, tornava-se necessária entre nós, onde não existia qualquer colecção de História Universal. Ora, impõe-se em conjunto e em aspectos particulares, dar a conhecer ao homem comum o que têm sido os movimentos, muitas vezes com recuos, mas sempre em ascensão geral, do caminhar da civilização. E dentro dêsse espírito que iremos iniciar a publicação de uma grande colecção — «A Marcha da Humanidade».

— Trata-se de uma ideia original...  
— Não de todo. Em França, na Inglaterra, para só citar êstes dois países, existiam grandes colecções

## “O homem em marcha”

uma iniciativa que vai pôr os portugueses em presença dos grandes factos e ideias de todos os tempos

de História — «Peuples et Civilisations», «L'Evolution de l'Humanité», «Histoire Générale», «Cambridge History». Todas estas colecções são de elevado nível científico e contam, sínteses decisivas para o conhecimento da História da Humanidade.

— E, então, uma dessas colecções que a Cosmos vai editar em tradução?  
— Não. Qualquer delas é deficiente em certos aspectos, de maneira que preferimos agrupar obras de proveniência diversa — de historiadores de todos os países — escolhendo sempre as que são mais reputadas e actualizadas sobre a matéria. Também não podemos empreender uma nova História Universal da autoria de historiadores portugueses.

— Parece-lhe? Não será arriscar a opinião?

— Em Portugal não existe uma equipa verdadeiramente numerosa de historiadores e investigadores. De modo que tivemos de deitar mão a traduções dos melhores trabalhos estrangeiros do género. Isto, se por um lado tem aspectos que não agradam a um editor, que deseja ajudar uma verdadeira cultura nacional, dá, de outra forma, uma mais larga latitude de escolha que muito valorizará o conjunto da colecção.

— E como organizaram êsse trabalho?

— Metodizando a nossa actividade, resolvemos dividir esta colecção, cujo título — «A Marcha da Humanidade» — já é por si um programa, em 12 secções, de maneira a que não ficasse por focar qualquer dos aspectos essenciais.

— Mais claramente, pode dizer-nos o que será a «Marcha da Humanidade»?

— Abriremos a colecção com a «História da Inglaterra», do professor da Universidade de Londres George Macaulay Trevelyan, considerada a melhor obra sobre o tema. Seguir-se-á a arrojada síntese «As grandes correntes da História Universal, ainda em publicação, do historiador belga Jacques Pirenne, que consideramos um dos livros mais notórios. Editaremos, também, a «História Económica da Grécia», de Gustave Glotz, obra-prima hoje considerada o livro basilar sobre o assunto. «O homem faz-se a si pró-

prio», de Cordon Childé, luminosa síntese da Pré-História, por arqueólogo de renome universal, uma «História de Arte», possivelmente a do ensaísta francês Charles Terrasse, cujos trabalhos são bem conhecidos, e a história da cultura será inicialmente representada pela «Crise da Consciência Europeia» (1680-1715), de Paul Hazard, um dos mestres da história comparada da literatura. Como vê, êstes trabalhos que editaremos, dado o nome dos autores e a variedade dos problemas tratados, servirão para dar uma ideia do escrupulo que pusemos na orientação, bem como, ainda, do desejo de tornar esta colecção um documentário vivo e polígrafo.

— Certamente, uma obra destas é muito interessante. Mas reparou que será dispendiosa e de difícil aquisição, portanto?

— Não tanto como poderá parecer. O problema das edições económicas foi também encarado. Faremos edições em volumes de grande formato, com 400 a 500 páginas, com magnífica apresentação gráfica, a que não poupámos esforços, encadernados em «Holandas», e vendidos, cada volume, ao preço de quarenta escudos.

— Certamente, Manuel Rodrigues tem razão. Mas, perante as objecções que ainda assim fazemos, dadas as dificuldades de aquisição num país de nível de vida tão baixo, o nosso entrevistado esclarece:

— Apesar de tudo, o seu preço comparado com idênticas edições estrangeiras, com pior aspecto gráfico, é imensamente mais barato. O seu recorde, edições brasileiras custam o duplo e mesmo o triplo. Isto não querendo mencionar edições espanholas, francesas, etc. A propósito diremos que a edição suíça de «Grandes correntes da História Universal» custa, ao câmbio, perto de duas centenas de escudos.

— Acredita no êxito da sua iniciativa, não é verdade?

— Conflito, não obstante em todos os aspectos e detalhes esta nossa iniciativa ser uma experiência arrojada. Mas a última palavra será dada pelo público. Ele lhe responderá, dizendo-nos se deveremos continuar com ela — e o que é mais: se outros projectos que temos em mente devem ser levados à prática.

## O lugar da França (Continuação da pág. 12)

Não há por isso, como parece que aconteceu nalguns meios políticos internacionais (a avaliar por um telegrama expedido de Paris pela agência americana United Press, publicado nos jornais de Lisboa) que interpretar a visita de Lebrun a De Gaulle como um pedido de demissão. Lebrun — caso que não terá muitos iguais na história da legislação — demittir-se a si mesmo por decreto com a sua própria assinatura. Mas é, evidentemente, uma adesão de importância, com certo efeito psicológico entre a população francesa e até mesmo a ter em linha de conta nas chancelarias. A França procura recompor-se. De potência vencida, está a erguer-se, pelo seu próprio sacrificio, à altura dos vencedores. Nos projectos do que se sonha que possa vir a ser a futura Sociedade das Nações já se lhe reserva um lugar para membro permanente do Conselho. Não para o primeiro momento — que êsse será dos «Big four». Mas para o momento imediato. Ninguém ousará contestar-lhe o seu direito. J. R. S.

# PHILIPS



### 1945

#### SONORIDADE PERFEITA

Casa José Costa ~ Rádio Luz

Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa

Tel. 2 4888

## ACTUALIDADES



A União das Repúblicas da América comemorou, há pouco, o aniversário do descobrimento das primeiras ilhas do continente norte-americano, com um almoço em que compareceram os chefes das missões diplomáticas acreditadas em Lisboa. Presidiu a êsse almoço o sr. embaixador dos Estados Unidos, sr. Henry Norweb.



A foto mostra-nos um aspecto da distribuição das taças oferecidas pela Sociedade de Propaganda da Costa do Sol aos vencedores do Campeonato Internacional de Ténis do Estoril. A entrega dos prémios foi feita pelas senhoras Embaixatriz de Espanha e Ministra de Itália.



## SABINO ANDRADE do Clube Desportivo Nacional

de repetir a vitória no Campeonato regional?  
 —Tódas. Excluindo, claro, os imponderáveis. Além de um núcleo de bons jogadores, temos nos «juniores» autênticas promessas... Os campeões de «juniores» têm sido valiosíssimos, duma utilidade palpável.

—A situação financeira do clube? Silvíno de Andrade sorri.  
 —É má!... A nossa população associativa deve andar por 200 sócios, mas a maior parte, gente de dinheiro, esquece-se que o Nacional não vive do ar... O presidente, por exemplo, homem de posses, dá dinheiro para tudo menos para o clube!... Em contrapartida, para os jogadores aparecem sempre uns «caridosos» a abrirem a bolsa...  
 —Podemos deduzir que há algumas desinteligências...  
 Sabino de Andrade é peremptório:  
 —Há muitas. Falta união. Se todos os sócios fossem unidos, o Nacional seria o melhor clube da Madeira!

—A sua opinião sobre a participação da Madeira na Taça de Portugal?  
 —É efectivamente difícil a vinda do representante das ilhas à prova, devido à situação anormal. Continuemos, portanto, a organizar a «Taça da Cidade» enquanto a vida não se normaliza.

—A arbitragem de José Travassos na final da «Taça da Cidade» agradou...  
 —Absolutamente. Travassos é um mestre. A sua ida para a Madeira para dirigir um curso de arbitragem é desejada por todos os desportistas. Por lá, a falta de competência é manifesta e a má-fé também às vezes assenta arraiais...  
 —Para a Madeira foi um treinador de futebol...  
 —Sim, e esperamos que algo de benefício venha a resultar no que respeita ao nível técnico do futebol madeirense...

—Concluindo...  
 —Será gratíssimo a todos os madeirenses no dia em que voltarem ao Continente, imporem decisivamente o nome da sua terra!...

**F**ALAMOS com Sabino de Andrade e Alexandre Rodrigues com intervalo de minutos. Sabíamos da sua presença em Lisboa, por comunicação de pessoa amiga. E pensamos ouvi-los sobre o futebol madeirense.

Com ambos a conversa foi curta, porque o tempo era pouco para tratar da sua vida — e não se pode vir ao continente todos os dias!...

Sabino de Andrade é o vice-presidente do Clube Desportivo Nacional, campeão da Madeira, e foi o tesoureiro quasi «crónico» da Associação de Futebol do Funchal.

Começou por nos dizer:  
 —O futebol, como calcula, é o desporto mais desenvolvido na Madeira. Deve haver hoje na minha ilha uns 600 jogadores.

—Mas dizem-nos que há poucos campos...  
 —Sobretudo, falta um estádio em condições, não só de comodidades como de piso decente. O campo dos Barreiros, a um quarto de hora da cidade, pode ser bem aproveitado se houver visão e decisão. O campo do Liceu, dentro da cidade, serviria à maravilha para muita coisa, mas o reitor não o cede aos clubes. Todavia, esperamos que da boa vontade da Junta Geral Autónoma do Distrito do Funchal e da Câmara Municipal vejamos em breve a Madeira dotada com um parque de jogos condigno, à altura não só do seu nome desportivo como do valor turístico da ilha.

—O Nacional tem possibilidades

## ...E ALEXANDRE RODRIGUES do Clube Sport Marítimo

**A**LEXANDRE Rodrigues, secretário do Marítimo, falou-nos de fuga, momentos antes de partir para o Funchal... Conversa, pois, de «bota-fora», com o habitual cenário de azáfama.

—Que pensa do Marítimo?  
 —É um clube progressivo. Com todas as condições de vida para encarar confiante o futuro.  
 —A situação financeira é, portanto, boa...  
 —Sim, senhor. O clube podia ter muitos mais sócios, mas os existentes contribuem, sem regatear, para o bem-estar da colectividade.

—O Marítimo espera reconquistar, este ano, o título de campeão da Madeira...  
 —Claro. A turma de honra está homogênea, e a ida do treinador Mário Silva embora beneficie vários clubes, poderá influir especialmente no nosso.

—Acha então oportuna a ida do treinador?  
 —Absolutamente. Concorro com tudo que tenda a valorizar o futebol madeirense...

—...que, aliás, parece bem apoiado a novos jogadores vindos dos «juniores»...  
 —Sim, é um facto. Os torneios de «juniores» têm contribuído muitíssimo para revelar novos valores. Há muita matéria-prima...  
 —E... campos?...

—Há poucos. Os prémios que a Junta Geral do Distrito e Câmara Municipal distribuem todos os anos, poderiam ser aproveitados para a construção de um campo e de uma piscina. O Funchal, cidade importantíssima, tem obrigação de apresentar instalações desportivas condignas!...

Alexandre Rodrigues, de passagem, louva a acção da Comissão Administrativa da A. F. F., recorda a excelente arbitragem de José Travassos na final da «Taça da Cidade» e diz da sua satisfação pela nomeação do árbitro lisboense para sócio honorário do Marítimo. E acrescenta:  
 —A ida de Travassos para a Madeira elevará, sem dúvida, o nível técnico da arbitragem...  
 —...Que de momento é inferior, não?

—Bastante. A carência de conhecimentos é grande. Impõe-se uma renovação e uma valorização.  
 Outro capítulo:  
 —A Madeira tem-se ressentido da ausência à «Taça de Portugal»?

—Naturalmente. Perdeu-se um contacto que era valioso e estimulante para os nossos jogadores. Mas enquanto durar esta situação a Madeira não comparecerá ao torneio. Limitar-se-á à «Taça da Cidade». Depois veremos os moldes e as circunstâncias em que a Madeira participará na «Taça de Portugal».

—Os clubes desportivos da Madeira têm bons dirigentes...  
 Alexandre Rodrigues esboça um sorriso imperceptível:

—Relativamente... Mas há poucos a trabalhar em cada clube. E, depois, dirigentes deviam ser apenas os indivíduos competentes. Afinal, a competência é uma arma muito arre-dida...  
 O secretário do Marítimo emite de pois uma opinião muito curiosa:  
 —O madeirense, enquanto é novo, aprecia, gosta e dá tudo pelo desporto. Depois de uma certa idade, esquece-se do desporto existe e exila-se... Diverte-se, passa, como bem e mais nada...

## ARBITROS

**P**ROBLEMA sempre momentoso. Sempre com actualidade. Sejam de que modalidade forem, os árbitros estão em evidência por serem o fiel da balança de todas as competições.

É preciso não esquecer, evidentemente, que um árbitro é um mortal como qualquer outro, com os mesmos defeitos e as mesmas qualidades. Susceptível de errar mais facilmente do que aqueles que, comodamente, da bancada, emitem leis e esbanjam doutrina...

Tódas as pugnas desportivas são difíceis de dirigir ou de julgar. E existindo, embora, normas e regulamentos, basta um ligeiro desvio de critério na sua aplicação para que estale tempestade...

Um árbitro tem de ser um técnico por excelência. Mais ainda: um bom psicólogo!

Ora este predicado nem se improvisa, nem se compra a metro... Tem de ser nato no indivíduo. Aliado à sua bagagem, o árbitro deve ter a percepção fulgurante, a visão instantânea das atitudes e pensamentos dos partidos em luta. Este capítulo, curiosíssimo, dava para dissertação vasta — e controversia interminável!...

Mas há um outro, fundamental também, e que nos levou hoje a lançar mão da pena: a cultura geral, ou a cultura média, do juiz de uma competição de desporto!

Decerto que não será preciso exigir cursos superiores — nem diplomas de bacharelato — a quem queira ser árbitro.

A idêa de que os postos de comando ou de mando devem ser ocupados por doutorados é um vício que se tem enraizado entre nós, perigosamente.

Uma fatura nem sempre pressupõe muito trabalho nem abundância de inteligência.

Mas o que é indispensável é que o árbitro tenha, pelo menos, uma cultura média. Nesta necessidade englobam-se duas certezas: a de que sabe ler e, consequentemente, assimila com facilidade o que seus olhos observam. Que sabe escultelizar qualquer dificuldade surgida na interpretação de algum período. E a de que sabe escrever, transmitindo ao papel com apropósito, equilíbrio e clareza, o que o seu pensamento ditou!

Se os árbitros souberem ler e escrever bem, estará resolvido um problema que é ponto de partida para o seu êxito e prestígio. Terão muito mais facilidade em interpretar fielmente a letra dos regulamentos e em manter trajectória firme no seu critério.

...E que vai por aí uma acentuada crise da gente que sabia escrever!

Não suponha o leitor que exagero. Se um dia obtivesse permissão de qualquer organismo dirigente e se desse ao trabalho de ler boletins de árbitros, concluiria estupefacto, mas rendido à evidência, que setenta e cinco por cento dos respectivos signatários não passariam num exame de terceira classe da primária.

O leitor sorri... Quer um exemplo? Vamos dá-lo. E por este, que não é dos piores, avaliará os outros, incluídos na percentagem atrás citada. É um boletim de um árbitro de «basket-ball», de uma partida da época passada: «Também é de lastimar que o jogador do mesmo clube,

## DAQUI E DALI

EM QUINZE DIAS, MIL SÓCIOS

A Comissão de Propaganda e Iniciativa do Belenenses, tem desenvolvido uma actividade digna do maior realce, no sentido de interessar, não só a população de Belém e bairros limítrofes pelo seu clube como também procurando carrear os simples simpatizantes, para sócios efectivos. Os registos do Belenenses todos os dias se movimentam, para darem entrada a novos sócios. A maior afluência — um autêntico recorde — verificou-se na última quinzena, em que nada menos de mil propostas deram entrada na Secretaria do Belenenses.

Entre todos os presentes possíveis este é, sem dúvida, um dos melhores, sendo o melhor, que o Belenenses podia ter recebido!

O AZEVEDO TALVEZ VÁ...

A notícia de que o guarda-rédes «internacional» João Azevedo irá para o Brasil, esfumou-se há tempo... Dificuldades de ordem vária, explicadas na devida oportunidade, impediram uma pedra no assunto. Todavia, êle ficou a crepitir... Do lado de lá do Atlântico onde depois de Jaguaré, o «malabarista-pretidistigador», e Jurandir, o «scalmos», parece ter-se extinguido o reinado dos bons guardiões, não desistem de acenar o famoso «sportinguitas!» Sobretudo há dias, por um amigo que a estas horas deve voar para o Rio de Janeiro, num confortável e veloz «Clippers», que se não reatou as conversações entre o Vasco da Gama e o jogador português. Ficou de pé a promessa de nos ser transmitido o que houver de novo e positivo. E como somos pouco atreitos a guardar segredos, quando for possível, aqui estaremos a informar os nossos leitores...

O MESTRE ERMELINDO

Reabrimos na segunda-feira as classes de ginástica que o mestre Ermelindo Santos mantém no Centro de Educação Física, da sua direcção, e que funcionam no edificio onde está instalado o Centro Espanhol.

A exemplo dos anos anteriores, a frequência foi elevada logo no primeiro dia, o que faz prever um aumento consecutivo de inscrições.

As classes de adultos (homens), são às segundas, quartas e sextas-feiras, a partir das 18,30, e a das senhoras e crianças, às terças, quintas e sábados, a partir da mesma hora.

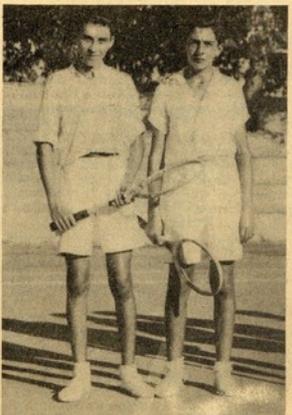
Os anos passaram... Mas o mestre Ermelindo continua a ser o mesmo, disfarçando naturalmente e com elegância o peso da idade... Uma consequência da ginástica.

sr. Fulano, se estivesse a intermeter nas minhas deslizes, chegando a dizer que os serviços (aqui o nome do organismo dirigente), não sabiam o que andam a fazer.

Longe de cultura geral, longe de cultura média, a roçar pela cultura zero.

Não haverá, pois, razão em clamar pela necessidade de os árbitros saberem ler e escrever?...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



Os finalistas «singulares» Jerónimo A. Pinto Martins e Gerardo Lana. À direita, o vencedor e vencedores dos pares «juniores» no Campeonato de Tênis do Estoril.

HELMUTH UNGER

**ROBERTO KOCH**



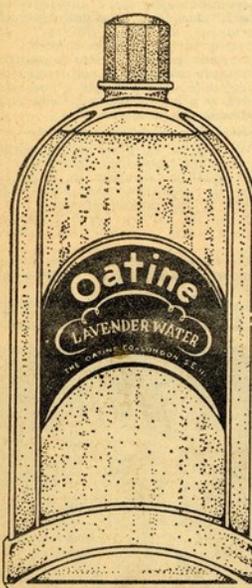
**EDITORIAL AVIZ**  
apresenta

O Caso Doruga—C. Huch 15\$00  
Dulcinéa—C. Selvaem... 12\$50  
Peppita Ximenes—J. Valera 15\$50  
A Morte de Camões  
—L. Tyack 15\$00  
O Vaso de Ouro—Olfmann 12\$50

**RUA DA TRINDADE, 20, 2.º**  
**LISBOA**

**AGUARDENTE VELHA**

*Niepoort*



**oatine**  
LAVENDER WATER

**UM PERFUME MODERNO**

A venda nas boas casas

Dep.: Trav. do Cotovelo, 37-1.º — Lisboa

# Uma alma sem tragédia

(Continuação da pág. 24)

— Não.  
— Falas verdade?  
— Falo.  
— Então não me podes ajudar na boa obra que penso. Foi uma pedrada inconsciente...

— Não. Dize. Fosse ou não fosse inconsciente, se a pedra feriu existe um mal a reparar. Explica-te, Maria Isabel. Seréi eu por acaso um assassino?

— Não és. Descansa. E, mesmo, matar só é um grande crime aos olhos dos vivos. Não acreditas que, se as vítimas julgassem, os matadores eram todos absolvidos? Olha, eu perdava a quem me matasse.

— Tu!  
— Sim, eu. E há tantas almas mais infelizes do que a minha! De uma sei eu...

— É a tal que a minha pedra feriu?

— É, sim. Não tenhas dúvida. A campainha do telefone retinhi na casa próxima e interrompeu o diálogo.

Maria Isabel respondia a alguém com veemência:

— Não! Não! Não penses isso!... Isso é uma loucura, espera em Deus... Deus, sim!... Oh! se creio! Mal de mim se não acreditatesse... Juízo!... Adeus!... Vou amanhã, vou. Descansa. Adeus!

\* \* \*

— Cá estou outra vez. Que estavamos nós a dizer?

— Falavas tu. Que perdovias aos teus matadores e eu a responder-te que, decerto, a linda Inês não diria o mesmo.

— Dizia. Oh! se dizia! A morte é sempre melhor do que a vida, dizem os árabes e os infelizes.

— Mas tu nem és árabe nem és infeliz.

— Árabe sou um pouco, como todos nós. Infeliz... A que chamas tu felicidade? Tu crês na felicidade, Cláudio?

— Na felicidade relativa, creio.

— Relativa a quê?

— A desgraça dos outros.

— Mas um bem relativo ao mal dos outros só é felicidade no conceito dos outros. O nosso bem, para ser nosso, teria de ser relativo ao nosso próprio sonho; não te parece?

— E haverá alguém que realize completamente o mais pequeno dos sonhos?

— Talvez. Se ele fôr muito pequenino.

— Nem assim, Cláudio. Realizá-lo já é perdê-lo.

— Quem te fez descrente, Maria Isabel?

— Essa mesma pessoa de quem eu te quero falar.

— Quem é ela?

— Seria uma santa se acreditasse em Deus. Cláudio, ajuda-me numa boa obra.

— Que posso eu fazer?

— O milagre de Jesus à filha de Jairo: ressuscitá-la.

— E a «outra»? Como há-de ser isso?

— Qual outra? Tens noiva?

— Noiva ainda não. Um dia, talvez.

— E quem é ela? Perdó...  
— A Margarida Alvor, conheces?  
— A sobrinha do Manuel Alvor?  
— Sim.  
— Oh, meu Deus! Então é verdade.

— Meu Deus, porquê? A Margarida não é uma rapariga honesta?

— É, sim. Quem te diz o contrário? Honesta e boa, instruída e rica. Tem todos os predicados. Mas tu, Cláudio, não deves casar com ela.

— Não entendo. Somos ambos livres.

— Oh, Cláudio! Eu sou tua amiga mas também sou amiga de mais alguém. Se te pedi para jantares comigo hoje foi porque me disseram tudo isso que tu agora confirmaste. Ouve, diz-me: a Margarida nunca te falou na irmã?

— Não, nem sabia que ela tivesse uma irmã.

— É natural; a família nunca fala nela.

— Quem é, então, a irmã da Margarida? Eu conheço-a?

— Conheces. A mãe da Margarida foi casada duas vezes. A segunda com o Alvor, daí o apelido. A primeira com o Rui Viana.

— Então a Lúcia Viana...  
— É irmã dela. Há doze anos que deixou Lisboa e cortou relações com toda a família.

— E que faz a Lúcia?

— Devias saber, Cláudio. A Lúcia morreu para todos menos para mim

e para um grande sonho que lhe mataram. Não te pergunto quem o matou.

— Olha, Cláudio, tudo isto é uma história muito triste, e eu vou pedir-te um favor. Suspende todos os teus projectos. Tu fizeste um grande mal em pensar nisso.

— Há doze anos?  
— Sim, e ainda depois.

— Há doze anos, Maria Isabel, eu para evitar esse mal teria que fazer outro maior. Eu já tinha pedido a tua irmã quando conheci a Lúcia.

— É verdade. Mas então para que lhe mentiste? Para que deixaste que uma simples afeição de rapariga tomasse as proporções duma paixão sem remédio e sem esperança? Para quê? Oh, Cláudio!... perdó, ia falar numa coisa que não devo, tão íntima ela é...

— Podes falar em tudo o que quiseres, mas eu nunca julguei que a Lúcia tivesse a paixão que dizes. Ela própria me escreveu desligando-me de tudo, e fez isso com a maior das indiferenças. Pelo menos aparentemente.

— Então tu não sabes que nós, as mulheres, também temos o nosso orgulho? Quando nos damos, damos-nos tão sinceramente que nada exigimos em troca. Tudo o que de ti não fosse exposto tinha para mim o defeito duma paga ou dum sacrifício. A Lúcia soube que tu pertencias a outra mulher e aparentou indiferença. Escondeu as lágrimas e a afronta.

— Mas eu não fui o primeiro amante da Lúcia. Ela disse-te que o tinhas sido?

— Não. Ela foi tua pelo impulso dum coração nobre. Não te exigiu um contrato nem te contou o seu primeiro romance. Foi até o conhecimento dessa vileza de outro que te deu ousadia para o que fizeste. Não negues. Trataste-a como uma perdida, e ela era a mais santa das almas. Quando soube que estavas noivo de minha irmã quis desprezarte e não pôde; quis esquecer-te e não conseguiu. Percebeu que toda a gente iria conhecer a sua falta e fugiu. Escondeu-se na Belra, vestida de viúva, e lá teve a filha.

— A Lúcia tem uma filha?

— Tem, sim. Tua. Fêz onze anos e já tem curiosidades. A Lúcia começa a ter vergonha dela. A pequena faz-lhe perguntas. Quere saber quem é a família; se o pai morreu muito novo...

— Mas isso é verdade, Maria Isabel? Não é um romance do Richebourg?

— Não duvides, Cláudio. Não acrescentes o ultraje à tua inconsciência. Eu sei que é verdade, e vou provar-te que o é. Antes de tu casares, dias antes, a Lúcia escreveu-me. Veio ela própria trazer-me a carta, não fosse o correio perdê-la. Tenho-a aqui para te mostrar. É muito grande, mas agora leio-te só dois períodos:

«Já sabes o meu segredo, Maria, guarda-o como se fosse teu. Mas não me obrigues nunca por um convite qualquer a ter de me encontrar com o teu futuro cunhado».

E mais adiante:

«Acreditei-nle como em Deus. Sonhei uma vida quieta com elle, num canto da terra onde tudo o mais me fosse indiferente. Fui toda sua. Toda. Dei-lhe corpo, alma e segredos. Parecia-me triste, desiludido, e eu ensinei aos meus braços ternuras novas... e para quê, meu Deus? Ele era o prometido da outra e essa era a irmã da minha única amiga. Era tua irmã. Vou fugir ao mundo e à vergonha. O destino quis deixar-me uma lembrança d'ele. Será todo o fim da minha vida. Quero ser mãe dum filho são, e por isso não quero chorar nem enfiar-me. Os filhos sem pai também vivem, não verdade? E poderão ser felizes como os filhos dos casados? Maria, diz-me que sim para eu ter forças...»

— Ainda duvidas?  
— Não, Maria, não duvido.

— Sabes? Sou madrinha da tua pequenita. Chama-se Maria Augusta como a tua mãe, e parece-se muito com o retrato dela, em pequena, que tinhas no teu escritório.

— Então é bonita?  
— É linda.

\* \* \*

Cláudio Santos emudecera. A cunhada observava-o com olhos

curiosos. Passaram longos os minutos. Com a cabeça apertada entre as mãos, Cláudio cismava, a arder em febre.

Maria Isabel, docemente, perguntara-lhe:

— Então, sempre queres ajudar-me numa boa obra?

Cláudio não falou na «outra», mas não respondeu.

— Queres?  
— Não vês que sou pobre, que não posso ter mulher?

— A Lúcia tem que chegue para os três. Mas não respondas agora. Vem cá amanhã. Consulta o teu coração e resolve depois.

... ..

À noite, casualmente, bati à porta do Cláudio. Encontrei-o deitado; êe bruços a esconder a cabeça nas almofadas e a queixar-se duma nevralgia terrível.

Perguntei-lhe o que tinha. Em frases nervosas narrou-me o que acabo de contar. Mostrou-me o bilhete, repetiu-me o diálogo com a cunhada e, assustado com a resposta a dar no dia seguinte, rematou:

— Para que há-de haver um romance em cada vida, uma tragédia em cada alma? Para quê, meu Deus, para quê?...

(Do livro *Dramas da meia tigeira*, em preparação.)

## Tragédias de um cidadão que pretendeu ir a Sintra

(Continuação da pág. 2)

Quando chegaram à estação o combóio tinha partido mesmo agora — disse um factor que, de cigarro na boca, lia o jornal. O pacato cidadão quis saber que horas havia outro. O homenzinho indicou-lhe o horário. Mas êle não percebeu nada, no meio de tantos riscos. Entendeu, vagamente, que o Norte era às 17.10. Sem dar parte fraca, resolveu, e muito bem, dizer à família que não valia a pena, que só tinham combóio às 18 horas.

— Vamos ao Jardim Zoológico! — pediu o Quim.

— Pois vamos.

A sogra lamentou o que por um minuto tivessem perdido aquêle passelo, com um dia tão bonito! Sintra, terra tão linda.

E quando já iam a descer os degraus — encontraram um par, apressado, um colega da repartição e a esposa.

Mal se cumprimentaram, com a pressa que os outros levavam.

— Onde vais, Cunha?

— Vou a Sintra! O combóio está a partir...

Então, desesperado, o pacato cidadão quis também correr com a família. Mas a sogra, com o reumatismo, dava só trinta passos à hora.

Aquêde estúpido daquele factor — a dizer que o combóio tinha partido!

O que partiu — e daí é que foi a confusão, explica outro empregado — foi o 201 da via B, leste, com transbordo na Pampilhosa.

— Ah! bem me queria parecer... é isso, é...

E foram ao Jardim Zoológico.

**OS LUSTRES PARA AS DECORAÇÕES DE BOM GOSTO**



Apliques, castiçais e candeeiros de méa

**J. R. DE BRITO**  
FABRICANTE

**RUA LUÍZA TODI, 2**  
À RUA DE D. PEDRO V

**TELEF. 2 0497 — LISBOA**

Dois abafos para o outono



Uma vez por outra, os dias ainda se mostram bonitos, alegres, cheios de sol. Mas não nos deixemos iludir, leitora! Esta temperatura agradável mas instável, é apenas uma saudável despedida. Preparem-se para enfrentar o Outono. Aqui lhes damos à escolha dois modelos que talvez lhes interessem.



A beleza da linha consegue-se usando os produtos NOSEL

- Água de Colônia
- Seda líquida
- Pó de arroz
- Creme dental
- Báton

Respondendo às leitoras

**LEITORA ASSÍDUA** — Não se apouque por tão pouco, querida leitora. Os dedos grossos da sua mão, dentro de pouco tempo, poderão estar elegantes e as unhas largas tornarão uma forma ovoide, como tanto deseja. Para isso, talvez baste apenas o seguinte: todos os dias, de manhã e à noite, com o polegar e o indicador, experimente premir cada um dos dedos, untados com um bom creme. Junto à unha apertará um pouco mais até que, com a continuação, esta tome forma mais elegante. Depois e ainda com o polegar e o indicador, poderá fazer uma breve maçagem, tendo o cuidado de apanhar a unha sempre de lado.

**CASADA DE FRESCO** — Lamento o estado em que diz terem ficado as suas mãos, depois de se ver obrigada a fazer sôzinha a limpeza da sua casa, no regresso da prala. Conheço alguém que pouco menos sofreu...

Quere uma receita experimentalda? É simples e prática, pois de outra forma não teria tempo de a usar: depois de bem lavadas as mãos e tôdas as vezes que o fizer, passe-as por uma solução de glicerina, limão e água de colônia. Creia que dá esplêndido resultado.

**UMA PREGUNTADORA** — Não sei porque escolheu você este pseudônimo quando na sua carta apenas se verifica — e aliás em bonita caligrafia — esta única pergunta: — «Terei de me considerar gorda, pesando 56,400 quilos e tendo 1<sup>m</sup>,58 de altura?»

A resposta é também simples. Não. Não é gorda, descanse. Não deixe de comer, por enquanto!...

Todavia, se é ainda muito nova — e é-o com certeza — conservar uma certa facilidade de movimentos, quer pelo desporto, quer por outra forma de acção não prejudicial, decerto lhe trará benefício futuro.

**MI-FÁ** — Tive muito prazer em encontrar de novo uma carta sua. Creia que será com muito gosto que lerei a sua novelinha sobre a qual darei uma opinião sincera. Pode enviá-la, até 27 de Outubro, para a rua Mocambique n.º 12, 1.ª — Lisboa.

**MORENA GITANA** — Na verdade, o seu namorado é ainda muito recente para presentear o seu namorado com coisas de valor, conhecendo tão pouco, como diz conhecer, a seu respeito. No entanto, dada a circunstância dêle a estar sempre obsequiando, entendo que um bom livro, escolhido com cuidado para ser ao gosto dêle, e tendo uma bonita dedicatória onde vinque bem a data que deseja festejar, é sempre uma lembrança agradável e útil que ficará a recordá-la...

Depois de decorridos uns tempozinhos mais, e logo que pensem em trocar fotografias, uma foto sua bem feita e bem emoldurada, creio ser uma boa mensagem para novo ano!...



O PRIMEIRO AMOR DE SHUBERT

**T**ERESA Grob é um nome simples e quasi desconhecido. Pertenceu a uma mulher alta, magra e feia. A uma mulher que a história diz ter tido o rosto implacavelmente marcado por variola. E, contudo, essa mulher de aparência inferior e banal, foi o primeiro e talvez o verdadeiro amor de Franz Schubert. E verdade, Teresa Grob foi a primeira mulher que o grande compositor amou!

Um dia...

...em Liechtental, Franz Schubert, o jovem e pobre Franz Schubert, passeava aprensivo pela estrada, mãos atrás das costas, olhar perdido num mundo de imaginação, cabeça um pouco descaída para a frente, quando aos seus ouvidos soou uma fresca gargalhada.

Franz abriu bem os olhos, levantou a cabeça e procurou em volta. Uma voz soou de novo, muito perto, para lá das grades do jardim fronteiro. Uma voz diferente de quantas até então tinha ouvido, uma voz que parecia cantar. Esqueceu, de momento, todo esse mundo maravilhoso que estava revendo em sonhos, e apaixonou-se. No jardim, duas meninas muito jovens conversavam. Uma era bela, outra bexigosa. Uma era loira, dum loiro fascinante. A outra, dum moreno vulgar. Uma era elegante, azougada. A outra, extremamente magra e de olhar triste. Franz Schubert ficou ali a olhá-las. Esquecera-se de si próprio e da sua habitual timidez. Esperava tornar a ouvir aquela voz tão maviosa e com tanta musicalidade, voz tão diferente de tôdas as outras. E ouviu-a!... Mas, então, Schubert não ficou a olhar a menina bela, aloirada e elegante. Não. Os seus olhos prenderam-se como num êxtase, à outra, à menina bexigosa, dum moreno vulgar e de olhar triste. A voz musical, a gargalhada que o atraía, eram dessa outra!...

E foi assim que Schubert conheceu Teresa Grob. Mas, então, ele vivia com extremas dificuldades e ainda que apaixonado por essa jovem que o encontrara um dia apenas com a música da sua voz, ele nunca se atreveu a pedi-la em casamento.

E a vida passou e os anos correram. Teresa cansou-se de esperar por Schubert, esse Schubert sonhador e tímido, quasi sempre longe das coisas terrenas. Três anos depois, convencida, afinal, de que ele a não amava tanto como dizia, Teresa Grob casou com um outro.

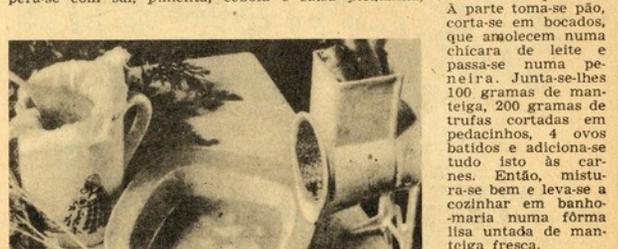
Mas, na verdade, Schubert amava-a. Foi o seu primeiro e o seu maior amor. O seu mais sincero amor. Pouco antes de morrer, no fim de uma curta e aventureira vida, Schubert confessou uma vez a alguém muito íntimo: «nunca gostei tanto doutra mulher. Teresa não era positivamente bonita, mas era tão boa, tão meiga! E a sua voz magnífica fêz-me conhecer o que valia a minha própria música!...»

MARIALIA

RECEITA DA SEMANA

PATÉ DE GALINHA A ANABELLA

Prepara-se uma galinha, tirando-lhe todos os ossos, e passa-se a carne na máquina juntamente com 1 quilo de lombo e 200 gramas de toucinho. Tempera-se com sal, pimenta, cebola e salsa picadinha, o mais fino possível.



A parte toma-se pão, corta-se em bocados, que anolecem numa chichara de leite e passa-se numa panela. Junta-se-lhes 100 gramas de manteiga, 200 gramas de trufas cortadas em pedacinhos, 4 ovos batidos e adiciona-se tudo isto às carnes. Então, mistura-se bem e leva-se a cozinhar em banho-maria numa forma lisa untada de manteiga fresca.

Para ver se está cozido, experimenta-se espetando um palito. Se este sair seco, o «Paté» está bom. Serve-se em «sandwiches». (Esta receita é da autoria da conhecida vedeta cinematográfica Anabella).

Não faça isto:

Aglomerar no arranjo da sua casa, vários objectos do mesmo tamanho e forma, o que atentará contra a estética do conjunto.

— Escolher de tal forma os «abat-jours» de lâmpadas de pé, que a luz projectada por elles seja pouco agradável para a intimidade do ambiente.

— Colocar os quadros demasiadamente altos. Isso não aumenta a beleza decorativa e obriga as visitas a tomarem posições inconvenientes.

Mas faça isto:

Uma certa diferença de tamanhos entre os objectos que adornam a sua sala darão um aspecto mais variado, moderno e agradável.

— Escolha «abat-jours» que façam a luz projectar-se quasi perpendicularmente. Isto dará um novo encanto ao seu gabinete de trabalho.

— Quando dispuser os quadros pelas paredes, coloque-os em lugares relativamente baixos, de forma a permitir que sejam facilmente apreciados e favorecidos pela luz.



**EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS  
EM LINGUA PORTUGUESA**

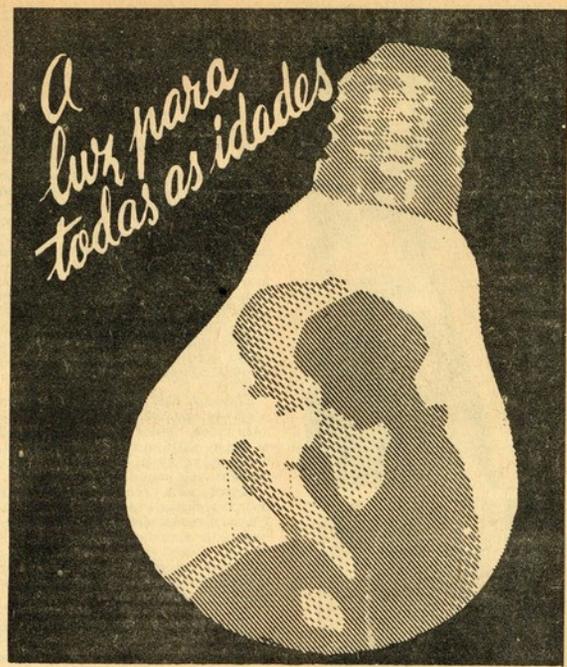
(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
17,45	WRUA	25,40	WRUL	19,5	WRUS	19,8	WRUW	16,9
18,45	WRUA	25,4			WRUS	19,8		
19,45	WRUA	25,40	WGEA	25,3	WRUS	19,8	WGEX	16,8
a			(Meia hora de programa especial)					
20,15								
20,45	WRUA	25,4	WGEO	19,6	WRUS	19,8	WGEX	16,8
21,45	WRUA	30,9	WRUL	25,6	WRUS	19,8		
22,45	WRUA	30,9	WLWR	23,1	WRUS	19,8	WGEX	31,4
23,45			WLWR	23,0			WGEX	31,4
			WLWR	23,1				
			WLWR	23,0				

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutado por intermédio da «B. B. C.» des 18,45 às 19, horas

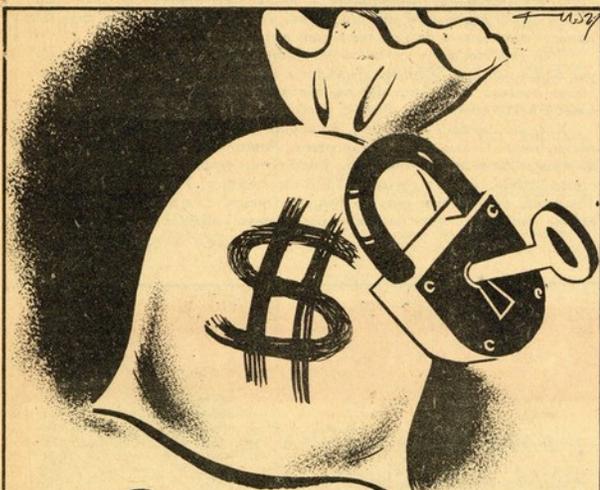
**EMISSIONES DIARIAS**

**OIÇA a VOZ da  
AMERICA em MARCHA**



**PHILIPS**

*a luz que não fatiga os olhos*



*Poupe o seu dinheiro!*

NÃO O EMPREGUE NUM TRABALHO DE QUALIDADE DUVIDOSA

OS ATELIÊRES GRÁFICOS

**BÉRTRAND (IRMÃOS), L.<sup>DA</sup>**

Trav. da Condessa do Rio, 27 - LISBOA - Telef. P. B. X. 21368 - 21227

EXECUTA COM A MÁXIMA

PERFEIÇÃO E RAPIDEZ

TODOS OS TRABALHOS DE

**FOTOGRAVURA**

**TIPOGRAFIA**

**OFFSET E**

**LITOGRAFIA**

**UM LIVRO EMPOLGANTE**

**FUGIU UMA ESPIA...**

Por **CHARLES BERRY**

VERSÃO LIVRE DE  
**GENTIL MARQUES**

1 VOLUME DA COLEÇÃO

«OS GRANDES ROMANCES  
DA GUERRA»

HISTÓRIA AVENTUROSA  
DE UMA ESPIA RUSSA:  
DRAMATISMO, MISTÉRIO,  
EMOÇÃO!



**A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS**

Pedidos directos: **VIDA MUNDIAL EDITORA, L.<sup>DA</sup>**

**RUA DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA**

## O primeiro dia de uma criança

O instinto maternal não basta para garantir o bom tratamento dos filhos pequeninos. Nenhum intuito supre a falta dos conhecimentos indispensáveis. De mães para filhos passam algumas práticas aceitáveis e comprovadas, mas também passam preconceitos e práticas que a medicina reprovava completamente.

As mães amantes dos seus filhos deviam procurar, antes do parto, adquirir os necessários conhecimentos de puericultura, ou seja da arte e da ciência de tratar das crianças. Quantas mulheres sabem, por exemplo, quais os cuidados a ter com os recém-nascidos? Embora no primeiro dia muitas coisas sejam feitas pelas parteras, convém que as mães tenham consciência do que se passa e exerçam uma eficaz influência.

Muitas mulheres ignoram, por exemplo, que uma criança nascida em estado de morte aparente consegue, muitas vezes, salvar-se graças ao uso de métodos de respiração artificial, que têm de ser aplicados com larga paciência e método, por pessoa hábil.

Se nasce viva, é necessário tirar-lhe as substâncias (mucosidades) que se acumulam na garganta, perturbando a respiração e impedindo o grito. Esta limpeza é feita com uma pena de ave muito limpa ou com um pouco de algodão umedecido e preso a uma pinça.

Em seguida, tem de se cortar o cordão umbilical. O cordão umbilical encerra, no seu interior, os vasos sanguíneos por meio dos quais a criança se alimentava, e, a custa da mãe, no ventre, a abertura muda, naturalmente, o processo de alimentação, e o cordão torna-se desnecessário. Durante uns momentos o cordão umbilical pulsa; logo que as pulsações estejam a enfraquecer, faz-se a laqueação provisória, empregando cordões finos recentemente postos em água a ferver durante cinco ou dez minutos, e uma tesoura esterilizada na chama de álcool. Só depois do banho a laqueação se tornará definitiva, fazendo, cuidadosamente, o aperto do cordão. Depois, enfiar-se o cordão através da abertura feita numa compressa, o processo de esterilização é untado com vaselina asséptica, e recobre-se o conjunto com outra compressa, repetindo-se o tratamento até o cordão cair, sem ser à força. É preciso lavar a ferida com um desinfectante fraco até à sua completa cicatrização. O peiso é sustentado por uma faixa, de preferência elástica, que não comprime o ventre.

O banho deve ser dado sem demora, sobretudo se a respiração da criança for difícil. Convém ter já, na altura do parto, água fervida recentemente, quente e fria. A banheira será muito bem lavada, e mesmo desinfetada, caso seja possível. A temperatura do banho deve ser a do nosso corpo ou pouco mais; melhor será ter um termómetro e dar o banho à temperatura de 37 ou 38 graus. A duração do banho não irá além de uns cinco minutos.

Convém que seja muito bem feita a limpeza da cabeça e das pregas articulares, empregando só água e sabão. Mas se a camada de gordura for muito espessa, será necessário friccionar as pregas com algodão molhado em água ou numa mistura de água e glicerina.

Nunca dar de beber à criança a água do banho! É um costume estúpido. Da mesma maneira é pernicioso espremer-lhe com força os seios e comprimir-lhe a cabeça e o nariz a pretexto de «dar forma».

Uma vez seca a criança com uma toalha macia e polvilhada as pregas com pó de talco, passa-se ao vestuário, que deve ser folgado e quente, visto o frio constituir uma grave ameaça para o mais indefeso e nu de todos os mamíferos. A sua resistência às mudanças bruscas de temperatura é pequena. Por isso, é de toda a conveniência tê-lo sempre aqueado dando o primeiro instante, enquanto espera pelo banho, etc.

As roupas da criança devem ser simples e práticas, de modo a permitirem uma limpeza frequente e obstem a maculação das principais peças do vestuário pela urina ou fezes.

A maior parte das cegueiras em recém-nascidos provém de oftalmias purulentas. Depois de retiradas as mucosidades dos olhos com algodão embebido em água fervida, deve-se deitar dentro das pálpebras umas gotas de uma solução fraca de nitrato de prata (1:50 ou 1:100), ou, então, algumas gotas de limão. Esta prática impõe-se, sobretudo, no caso de uma simples suspeita de infecção blenorragia na mãe ou mesmo no caso de meros corrimentos vaginais.

O recém-nascido, que deve ter um berço sem balouço, será colocado não de costas, mas com a cabeça um pouco mais elevada que o tronco e ligeiramente inclinado para o lado, a fim de facilitar a saída de líquidos existentes na boca. Convém mudar a posição de vez em quando.

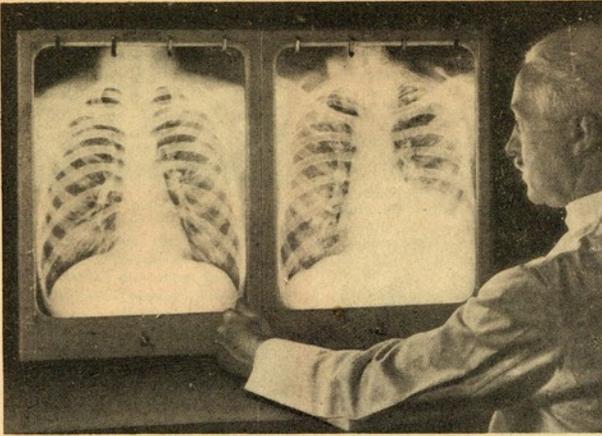
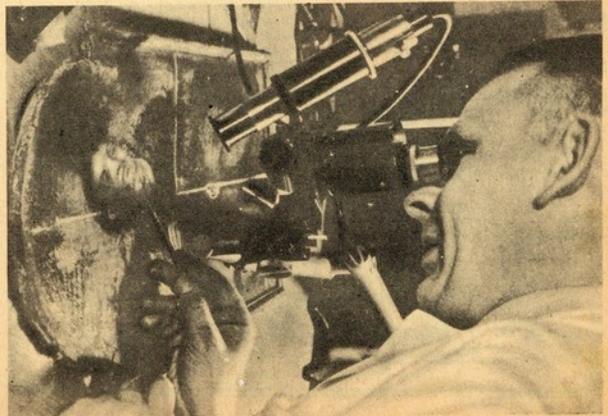
Durante as primeiras 24 horas a criança não precisa ser alimentada, bastando engulir algumas colherzinhas de água açucarada. O primeiro leite da mãe é útil à criança devido ao poder laxativo.

Se no dia seguinte ao do nascimento a criança não tiver urinado ou emitido fezes, chama-se o médico, visto ser possível que as vias de saída estejam tapadas por membranas que é necessário furar.

## A CIÊNCIA E A ARTE

Anexo aos bons museus de Arte, há sempre um laboratório apetrechado com raios X, ultra-violeta e toda

a aparelhagem necessária para o estudo da técnica de pintura dos quadros. A ciência da técnica da pintura é absolutamente necessária para proceder ao restauro dos velhos quadros danificados. O Instituto alemão «Doerner» é especializado em investigações desta categoria. Na foto vemos um investigador do «Doerner Institut» estudando um quadro antigo com a ajuda duma lupa binocular. Com o auxílio deste microscópio especial é possível reconhecer cada traço do pincel, descobrindo os retoques e todos os defeitos da obra de arte. O laboratório anexo ao Museu de Arte Antiga, em Lisboa, é dos mais bem apetrechados e dos mais competentes.



## TUBERCULOSE INIMIGO N.º 1

Esta magnífica foto mostra duas radiografias do tórax humano. As partes mais ou menos opacas aos Raios X surgem também mais ou menos esbranquiçadas. Quando os pulmões estão atacados pela tuberculose, há transformações no tecido pulmonar nas zonas doentes que tornam estas menos penetráveis pelos Raios X. A radiografia da esquerda é dum indivíduo saudável; a da direita apresenta um fortíssimo foco tuberculoso na parte inferior do pulmão esquerdo. Melhor do que palavras, a comparação das duas radiografias mostra a diferença entre o pulmão normal e o doente. Os Raios X são a arma n.º 1 para o ataque à tuberculose logo no seu início.

## O galanteio entre os animais

AS pequenas moscas carnívoras chamadas Empididae, dedicam-se a um verdadeiro e curioso galanteio. Em algumas espécies, os machos apresentam as fêmeas com insectos por eles capturados; e, comumente, o presente é embrulhado pelo macho em fio de seda ou num grande «balão» reuzente de bôlhas, que ele mesmo segrega — assim como o colar que se dá de presente a uma mulher, pode ir fechado em magnífico estôjo. Carregando nas pernas essas formosas dádivas, eles voam por cima de lagos e correntes. Neste caso, o simples aviso sexual é reforçado pelo estímulo dum presente. Mas noutras espécies o presente consta, não dum pérola, mas da pétala dum flor ou dum folha de erva. Parece ser este o único caso fora dos animais de sangue quente, em que se utilizam as patas para fins de galanteio, despertando a sensibilidade estética do outro sexo.

Através dos vertebrados há constante desenvolvimento dos processos de galanteio. Nos peixes é excepcional, e verifica-se quando é necessária a fecundação interna. O dragoneite macho, na época da procriação, reveste-se das mais brilhantes cores e roda em torno da fêmea como uma vistosa borboleta. O pequeno peixe *siphonophorus heleri* tem a barbatana da cauda em forma de comprida lâmina, com qual bate e fere a fêmea enquanto nada em volta dela. E no humilde peixe-espinho dos lagos, os machos adquirem na Primavera admiráveis cores irisadas, onde predomina o vermelho vivo; estas tornam-se brilhantes quando o animal está excitado, mas empalidecem se ele é perseguido ou batido por um rival.

Nas aves migratórias, como as tou-tinegras, os machos entram em cio dois ou três dias antes das fêmeas. Começam então a procurar lugares apropriados para os ninhos, reservando cada macho uma área de terreno mais ou menos delimitada para si próprio. Aí ele aguarda a chegada das fêmeas, cantando quasi todo o tempo disponível em que não está comendo ou dormindo.

## Os nossos mensageiros químicos

HÁ, no corpo humano, vários órgãos que lançam directamente no sangue as substâncias que produzem sem utilizar qualquer canal excretor: são as glândulas endócrinas ou de secreção interna.

Nem todas estão continuamente a trabalhar; o pâncreas, por exemplo, só despeja no duodeno o suco pancreático quando é «avisado» por um mensageiro químico. Este é a secretina, elaborada por certas glândulas do duodeno, quando no duodeno penetra alimento. A secretina passa directamente para o sangue, espalhando-se por todo o organismo, mas só se mostra activa ao atingir o pâncreas. O pâncreas é excitado e começa a produzir o suco digestivo que lhe é peculiar.

Como outro exemplo de regulação química citam-se as cápsulas supra-renais, colocadas acima e à frente dos rins.

As cápsulas apresentam duas porções, mas interessa aqui apenas a parte interna. Este tecido é utilizado para mobilizar os recursos do organismo em face de súbita emergência. Em momentos críticos, para fugir ao inimigo ou para combater e vencer — é enviada uma urgente mensagem nervosa às duas cápsulas suprarrenais, que prontamente despejam no sangue a substância que segregam.

A substância produzida pelas cápsulas, a adrenalina, é transportada através do corpo e afecta por várias formas os diferentes órgãos. Acelera o coração e dilata os capilares; estimula as glândulas sudoríferas para que o corpo não se aqueça em excesso; retarda os movimentos dos órgãos digestivos e contrai os seus vasos sanguíneos; obriga o fígado a descarregar as suas reservas de glicogénio de modo a fornecer aos músculos abundância de combustível; põe os cabelos em pé; dilata as pupilas e projecta os globos oculares para a frente, de modo a dar à face aspecto capaz de inspirar terror. É de facto sinal de alarme um S.O.S. chamando todos os órgãos para a mobilização geral.



# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI — Países ocupados — Noruega

Em sinal de protesto contra as decisões do Comissário do Reich, consideradas anarquistas, os sete bispos da Noruega (a Igreja norueguesa é uma instituição do Estado e os seus bispos e sacerdotes considerados funcionários públicos) redigiram, em Fevereiro de 1941, uma pastoral para ser lida em todas as paróquias do país, na qual criticavam ásperamente os atentados praticados contra o cristianismo e os valores essenciais da civilização cristã. A leitura da pastoral foi proibida nas Igrejas norueguesas, mas o seu conteúdo tornou-se rapidamente conhecido.

No mesmo mês foi publicado o novo regulamento para o recrutamento dos servidores do Estado, o qual completava o decreto, a que já nos referimos, relativo à depuração do funcionalismo público. A publicação daquele regulamento deu origem a numerosas críticas e protestos. Ele estabelecia que, de futuro, ninguém mais seria admitido ao serviço do Estado sem que previamente se houvesse filiado no partido Quisling.

Em Abril, vinte e duas associações nacionais, contando dezenas de milhares de filiados, protestaram contra o novo regulamento do funcionalismo dizendo, entre outras coisas: «Este regulamento torna decisiva, para o provimento de cargos públicos, a filiação num agrupamento político sem ter em conta as qualidades pessoais e a competência profissional dos candidatos. Está, por isso, em completo desacordo com a promessa feita pelo Comissário do Reich, segundo a qual ninguém seria prejudicado no exercício das suas funções, e os servidores do Estado não seriam obrigados a ingressar em qualquer agrupamento político. Com a publicação deste regulamento, o serviço do Estado deixou de ser um atafega administrativa e passou a revestir-se dum carácter eminentemente político».

Como este protesto não tivesse obtido qualquer resposta, pouco tempo depois, em 15 de Maio, foi renovado, por um número maior de associações profissionais, desta vez mais de quarenta. As expressões empregadas eram mais enérgicas do que aquelas que caracterizavam a primeira representação, e pode dizer-se que ela traduzia os sentimentos duma grande parte da opinião pública norueguesa sobre o assunto.

## A RÉPLICA ÀS REPRESENTAÇÕES NORUEGUESAS

«As associações abaixo assinadas, dizia-se nessa representação, em nome de todas as modalidades de indústria e de trabalho da Noruega e em nome do funcionalismo deste país, consideram a evolução dos acontecimentos e as circunstâncias que apontam de uma tal gravidade,

que julgam ser de seu dever expor ao Comissário do Reich o seu pensamento a este respeito.

Foi com verdadeira inquietação que o povo norueguês, em Setembro do ano findo, viu o partido «National Samling» assumir a pesada responsabilidade de dirigir e coordenar a administração do país, sob a direcção suprema do representante da potência ocupante».

Depois de se referir, largamente, às condições de vida criadas nessa altura ao povo norueguês — entre as quais os últimos actos praticados por membros do «Hird» que haviam assaltado e agredido um médico no hospital de Oslo, no momento em que este procedia a uma intervenção cirúrgica, como sanção por ele se haver recusado a readmitir uma empregada despedida por desleixo — e depois de criticar, fundamentadamente, a recente decisão de fazer depender da filiação no partido Quisling a escolha e o recrutamento do funcionalismo público, não entrando em linha de conta com a competência profissional que sempre fôra na Noruega o único título de recomendação para o serviço do Estado, a representação terminava assim: «Verifica-se facilmente que estes factos produziram, em todas as camadas da população, um sentimento de incerteza pelo futuro e um desassossego generalizado que prejudica a execução do trabalho quotidiano e reduzida, por isso, em manifesto prejuízo do país. Os factos ocorridos nos últimos tempos fizeram com que esse sentimento se aproxime da exasperação».

Como resposta a esta representação, cinco governadores de províncias foram imediatamente destituídos das suas funções. Em 12 de Junho, dois dos mais categorizados signatários da representação foram presos. Os restantes foram convocados para uma reunião na qual lhes foi notificado que haviam sido dissolvidas as associações profissionais em nome das quais falavam e se haviam juntado ao protesto.

## O FIM DAS ASSOCIAÇÕES NORUEGUESAS

Como na Noruega a vida associativa e sindical, sob os mais variados aspectos, teve, em todos os tempos, uma significação verdadeiramente nacional, compreende-se que estes factos suscitassem, em todo o país, uma emoção profunda. Essa emoção subiu de ponto quando se soube que cinco dos signatários da representação tinham sido chamados à presença do Comissário do Reich e mais tarde levados com destino desconhecido. Nessa mesma altura foi publicado um decreto dissolvendo todas as associações de índole científica, existentes no país, e colocando nas restantes delegados e administradores da confiança do Comissário do Reich.

Era costume antigo na Noruega os cidadãos que falavam em nome e delegação das associações, que os haviam designado para esse efeito, nada sofrerem com as suas declarações por esse facto. A atitude do Comissário do Reich, acabando com este precedente que constituía desde sempre uma regra de vida colectiva no país, seguida da dissolução ou do controle da actividade associativa local, era de molde a fazer desaparecer os noruegueses duma modificação ou duma melhoria da situação que lhes havia sido criada em consequência da ocupação.

A Federação Nacional do Trabalho da Noruega formulou um veemente protesto contra o que se estava passando. Esse protesto deu origem a novas represálias e à dissolução de novas associações, desta vez acompanhada da confiscação dos respectivos bens. Os funcionários públicos que haviam tido qualquer intervenção no assunto foram demitidos. O produto das confiscações reverteu a favor do partido Quisling. Os empregados das associações que não sofreram a pena de dissolução foram despedidos e, em alguns casos, reduzidos os seus salários e vencimentos. Estas medidas eram tanto mais rigorosas quanto é certo que a sua aplicação coincidia com um período de dificuldades crescentes para toda a população, as quais se filiam, como veremos, em diversas causas.

## O AGRAVAMENTO DAS CONDIÇÕES DE VIDA

Efectivamente na Noruega as condições de vida tornavam-se cada vez mais difíceis à medida que a ocupação se prolongava. As deficiências de alimentação, em quantidade e qualidade, eram cada vez maiores. Uma parte dos géneros de primeira necessidade, transportados nas unidades da frota mercante norueguesa que se não pusera ao serviço dos Aliados, seguia para o Reich em vez de ser desembarcada em portos noruegueses.

As greves começaram a estalar em diversos pontos do país. O seu único resultado era, porém, agravar as medidas de repressão adoptadas pelos ocupantes, sem qualquer vantagem para a causa da população norueguesa. Assim, quando o Comissário do Reich convidou os dirigentes sindicais a darem ordem para que os operários regressassem ao trabalho, esta ordem foi rapidamente cumprida com resultados satisfatórios.

Apesar disso, o governador militar de Oslo decretou o estado de excepção nesta cidade. Foram presas muitas centenas de pessoas que não haviam tido qualquer intervenção nos acontecimentos. Só em 16 de Setembro foi dado por findo o estado de excepção. Mas, pouco depois, eram publicados dois decretos que praticamente equivaliam ao seu restabelecimento.

Com a aproximação do fim do ano, longe de abrandarem, as medidas repressivas intensificaram-se. Em seguida às instituições, associações e sindicatos de toda a ordem, foi a vida municipal que constituiu o objectivo imediato das autoridades de ocupação. Era outra faceta da vida nacional norueguesa particularmente característica. As organizações do comércio, da indústria, da agricultura, do trabalho e da cultura, podia dizer-se que tinham praticamente desaparecido. Os municípios que há mais de um século gozavam, na Noruega, de plena autonomia foram, em seguida, atingidos por medidas excessivamente rigorosas. Essas instituições, bem como as pessoas que as serviam, passaram a ser vigiadas de perto e, dentro de pouco tempo, os resultados alcançados eram muito semelhantes àquêles que haviam atingido a vida associativa e sindical do país. Quere dizer que o desaparecimento dos municípios foi a consequência da acção empreendida contra eles.

(Continua)



Depois da ocupação, a fisionomia da Noruega modificou-se. A grande Praça do Mercado, em Oslo, despoçou-se e o «Verdensteatret» — o Teatro do Mundo — foi ocupado por Quisling.



Em meados de 1942, muitos jornais suecos foram apreendidos por censurarem o sistema de repressão empregado contra os prisioneiros noruegueses. O «Goteborgs Handels & Sjöfarts», de Estocolmo, saiu com as colunas em branco e o título «Nas prisões e nos campos de concentração noruegueses».



«Arranja-se um bocadinho de queijo!» Esta informação passou de boca em boca e, então, logo surgiu a milagrosa «bicha». Em Oslo, de resto, o rationamento é apertado e com um funcionamento lento. Por isso as horas passam na espera e na esperança...



Os noruegueses, desiludidos, depressa começaram a manifestar o seu descontentamento, por meio de actos de sabotagem. Eis os soldados alemães, afixando num edifício de Oslo, as ordens e as medidas preventivas a aplicar aos sabotadores.



O Príncipe Olavo, herdeiro do trono da Noruega, esteve de visita ao Canadá. Vê-mo-lo durante a inspecção a um «tank» de fabrica canadiano. Como se sabe, em Toronto funciona uma escola de marinheiros noruegueses.



## MEIA DUZIA DE CURIOSIDADES EXOTICAS

— A famosa e gigantesca estátua da Liberdade que está à entrada de Nova York foi construída com pedra esmagalhada, areia e cimento. Na sua construção gastaram-se nada menos do que quinhentas carroças de pedra e mais se vinte mil sacos de cimento.

— Menes, do Egípto, perseguido pelos seus próprios cães, duma crueldade extraordinária, salvou-se, atravessando o lago Morris no lombo dum crocodilo. Como recordação dessa aventura, fundou a cidade de Crocodinópolis e impôs a veneração pelo crocodilo, como o supremo animal sagrado.

— As crianças de Uganda dão provas de boa educação, saudando as pessoas duma maneira original: aproximam-se em silêncio e estrefem a cabeça no ventre do recém-chegado.

— A pirâmide de Cheops que tem mais de cem metros de altura e cobre nas areias do deserto, uma superfície três vezes maior do que a ocupada pela igreja de S. Pedro de Roma, empregou para a sua construção, durante vinte anos, cerca de cem mil homens.

— A chamada prata alemã não tem um único átomo de prata. É uma liga de cobre, níquel e zinco, tão perfeitamente realizada que o aspecto exterior nada desmerece da aparência do metal imitado.

## IMAGENS DO MUNDO

### A MONTANA E O HOMEM



Diante da imponente encosta do monte Olympus, Washington, o cavaleiro parece apenas um simples e misero pigmeu...

— O maior edificio dum só corpo e dum só pavimento que o mundo tem conhecido foi o *tribitorium* em Roma, construído por Agripa, e onde os soldados recebiam o soldo e o puiacho as rações de pão.

## ITINERARIO PITORESCO

### O MAR

TAMBÉM TEM JARDINS



**Q**UALQUER horticultor, hábil e apaixonado pelo seu mister, não poderia, decerto, esconder uma surpresa imensa e sincera ao ver na sua frente os maravilhosos jardins do fundo do mar, cheios dum encanto especial e duma graciosidade feita, toda ela, de poesia e de equilíbrio estético. Em que estufa se poderá encontrar, por ventura, a delicadeza e o majestoso-deslumbramento que oferecem as hespérides submarinas?

Mas os jardins do mar são bem curiosos, afinal. Basta o mais leve indício de qualquer presença estranha para que imediatamente desapareçam, deixando apenas uma esquisita floresta ilpitutiana de inúmeros e pequeníssimos pedúnculos negros...

Os recifes de coral oferecem aspectos surpreendentes de beleza mágica, sobretudo quando a noite vai tombando sobre as águas. Então vermes diformes, espantosos, cruzam-se sem descanso em todas as direcções, como que numa alucinante fantasmagoria, arrastando suas antenas e suas sombras...

As anêmonas — extraordinários crisântemos do mar, mais belos que todos os crisântemos da terra — lá estão lindas, sedutoras e simultaneamente, traçoetras. Ai do peixinho incauto que se aproxime desses tentáculos, pétalas ondulantes duma aparência irreal e duma crueldade terrível! Não terá tão pouco ensejos para se defender. As «pétalas» fechar-se-ão sobre si e, num instante, o peixe, vagarosamente aspirado, desaparecerá no coração da flor bela mas maldita...

Quantas visões extraordinárias, na verdade, se formam e se desfazem em cada dia que passa — em cada hora, em cada minuto... — nos jardins guardados e defendidos avaramente pelas águas do mar?

Mundo de magia e de beleza onde as coisas aparecem e desaparecem, como nas feitiçarias — o fundo do mar encerra, apesar de tudo, um mistério que ninguém conseguiu ainda desvendar por completo. Mistério que vem de longe, dos princípios da vida e dos princípios do mundo. Mistério que passou entre os índus e os babilónios, que envolveu Alexandria, onde se denominou «Jesus Cristo, filho de Deus, salvador», palavras cujas iniciais formam a palavra grega «ichthys», e qual significa «peixe, filho do mar», que nas lendas orientais ensina que as terras nipónicas brotaram das profundezas do oceano — mistério que sempre tem apaixonado a humanidade e que sempre a há-de apaixonar!

GENTIL MARQUES

## Viagens maravilhosas

III

### TRANVACORE, a terra perdida onde as mulheres governam

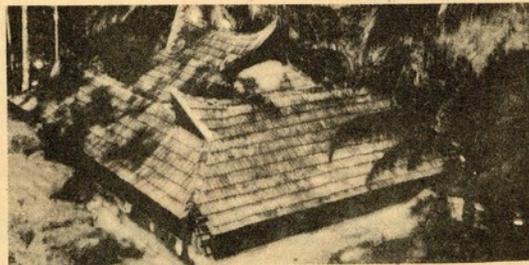
Quando se olha para o mapa, os nossos olhos mal poisam nessa pequena faixa de terreno, estreita e perdida ao sul de Cochín, na Índia. Mas ali existe um Estado. Um Estado que se intitula Tranvacore e onde as mulheres mandam mais do que os homens, privilégio devido à importância do matriarcado ainda em pleno vigor. Os habitantes de Tranvacore são analfabetos em grande escala, apesar dos esforços de ousados missionários, dedicam-se quasi todos à agricultura, têm uma dança favorita inspirada no «Ramayana», são governados por um marajá da dinastia Kera e, com toda a certeza, não sabem que nós existimos...



Iniciamos o passeio duma destas barcas características que desfilam sucessivamente sobre as mansas águas dum canal das costas do Tranvacore. A barca tem um nome bonito, «Vallam», e serve geralmente para os pescadores que se afoitam ao largo...



Já agora, passamos pelo mercado regular que há nos altos da região. Ai acorrem cristãos, indus e maometanos — os três grupos principais que formam a população do Estado. Surgem muito poucos europeus, raros por estas paragens. Mas o negócio geralmente é rendoso e chegam a fazer-se grandes transacções, sobretudo em produtos agrícolas. Compras e vendas são dirigidas, na maior parte dos casos, pelas mulheres de Tranvacore...



Logo adiante, quasi escondida na margem, descobrimos esta casa de aspecto sugestivo. Equivale aos nossos palácios e é habitada por uma família «Natr», ou seja por uma família de casta elevada. Os outros, os humildes, vivem em tócas casinhotas cobertas por colmo e ramagens...



E, por último, ao entardecer, podemos descobrir esta magnífica paisagem no lago artificial de Periyar, que mais parece uma deslumbrante tela de prodigioso artista do que um recanto das terras perdidas de Tranvacore...

# HUMORISMO

## A falta do Ventura... não fez falta



— Ainda bem que a vejo, minha senhora. Queria-lhe apresentar as minhas desculpas por não ter podido ir às exéquias de seu defunto marido.



— Deixe lá senhor Ventura, não se apoquente, fica para a outra vez...

## De graça

O AUTÓGRAFO

Sacha Guitry, ainda há meses um dos ídolos de Paris ocupado, foi procurado, no seu camarim, por uma furiosa admiradora que, de caneta em punho, insistia:

— Mestre, a sua assinatura, aqui neste programa.

Sacha, muito irritado, puxa da caneta e escreve de rompante:

«Não dou autógrafos!»

E assinou por baixo...

A GUERRA E A PUBLICIDADE

A guerra não impede os ingleses de serem práticos e elegantes e, por isso, as revistas e os jornais mantêm as suas magníficas secções de publicidade, adaptadas às circunstâncias. Um grande alfaiate de Londres, especializado em impermeáveis, escolheu este «slogan»:

*Um grande nome, numa grande guerra!*

E não houve oficial do exército que lhe não encomendasse gabar-dinas...

Um fabricante de cofres-fortes tomou, para vender os seus produtos, uma das fórmulas da Carta do Atlântico:

*A liberdade que todo o mundo deseja é a liberdade da crença.*

Um fabricante de torradeiras afirma que estas são tão sólidas que nem os «tanques» as destroem.

Um camiseiro mandou desenhar um soldado de dois metros que colocou sobre a porta, com esta legenda:

*Quando faz frio, as minhas camisas são quentes; quando faz calor, elas são frescas.*

Um sapateiro quer demonstrar que com o seu calçado forte os oficiais terão o espírito leve, e um fabricante de fechaduras de precisão não tem mãos a medir desde que arranjou um desenho humorístico, representando um soldado alemão, tentando forçar a entrada de um blockhaus com um lança-chamas:

*Por que há-de haver tanta desgraça, se o remédio é tão simples?*

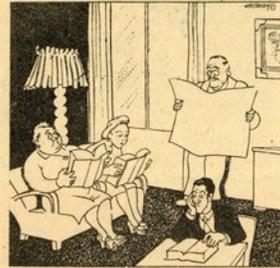
## AMOR CONJUGAL



— Calcula. Ficou tão desolada ao ver-se viúva, que morreu no mesmo dia que o marido.

— No mesmo dia?

— Sim... dezasseis anos depois.



— Que estás tu a ler?

— «E tudo o vento levou...». A menina está a ler «Tempestade no céu» e o menino «Machado de sol».

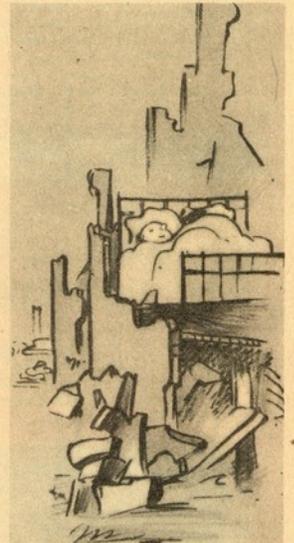
E tu, que estás a ler?

— O boletim meteorológico da Mancha!

## SEM LEGENDA

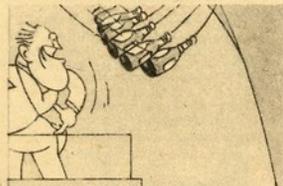
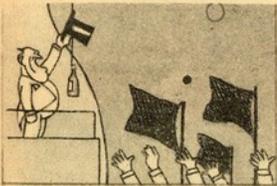


A enfermeira — Isso é para que, durante os alertas, não voltes a sair sem capacete!



Estes «alertas», filho, fazem-me um frio!

# VAI SER LANÇADO AO MAR UM NOVO BARCO!



Preços: 10\$50 e 15\$00

## UMA GOTTA DE «HERPETOL»

E O DESEJO DE COÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO E DOMINADA. A PELLE REFRESCA-SE E O ALIVIO COMEÇA

## «HERPETOL»

E UM MEDICAMENTO SERIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZEMA (HUMIDO OU SECO), CROSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDÊNCIAS NA PELLE. ETC. ATE HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



Cabelos cheios de sol



«Lavolan-bulle», em cinco minutos apenas, transformará a sua cabeça. Os cabelos tornar-se-ão brilhantes, livres de caspa e saudáveis. Usado no banho, com cinco gramas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpitante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10800, 15800 e 25800. A venda nos bons estabelecimentos. Laboratório RUDY — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Porto. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F. L., Rua dos Figueiros, 135, 3.º D. — Telefone 43582.



APP

**Rainha da Hungria**

OS PRODUTOS DE BELEZA HÁ MUITO CONSAGRADOS PELA MULHER ELEGANTE

N.º CAMPOS

**RAINHA DA HUNGRIA**

**A BOLSA DO LIVRO**

P. DE D. JOÃO DA CAMARA, 4.4.º  
LISBOA - TEL. 2 8470

COMPRA, VENDE  
TROCA, EMPRESTA  
E LEILOA LIVROS  
EM TODO O PAÍS

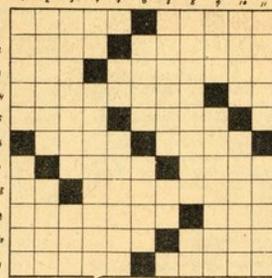
INFORMAÇÕES BIO-  
BIBLIOGRÁFICAS, ETC.

**ÚNICA ORGANIZAÇÃO  
NO SEU GÉNERO**

**PALAVRAS CRUZADAS**

PROBLEMA N.º 50

Por Rocanoff  
(Nelas)



ENUNCIADO

**HORIZONTAIS:** 1 — Flo de latão; encova. 2 — Recela; períodos. 3 — Argola de um vaso por onde se lhe pega (ortografia antiga); afiara. 4 — Nome de homem; atmosfera. 5 — Semelhante; pouco vulgar. 6 — Erva-doce; pede. 7 — Unas; suco. 8 — Pena; macaco (popular). 9 — Princípio imediato do amido; pronome pessoal. 10 — Antiga; desdita. 11 — Velha; ajeltara.

**VERTICAIS:** 1 — Acomete; encolozizada (inv.). 2 — Habituár (inv.); diabo (inv.). 3 — Alcaloide que se prepara pela acção do amoníaco sobre a essência de amêndoas amargas; íntimo. 4 — Pronome pessoal; esquecidos. 5 — O mais; judeu. 6 — Chefe muçulmano; sorte. 7 — Vir à tona da água (o peixe envenenado); tua. 8 — Enérgica; artigo (pl.). 9 — Capasem mangas; perspicácia. 10 — Cajado; enganar. 11 — Pusera asas; jogara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 49

**HORIZONTAIS:** 1 — Ala; Araruba. 2 — Anadia; dá. 3 — Malas; ri. 4 — Sá; arena. 5 — Adour; adere. 6 — Asais; sé. 7 — T; apure. 8 — Ai; abatem. 9 — Agarrel; sia.

**VERTICAIS:** 1 — Alameda; agi. 2 — Ana; Ostia. 3 — Al; sual. 4 — Ada; ar; ar. 5 — Brisa; sabes. 6 — Aa; raspai. 7 — Réde; ut. 8 — Udine; Rés. 9 — Aba; artémia.

**DAMAS**

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora  
(Espanha)

1.º Concurso Internacional de Problemistas de «Damas»

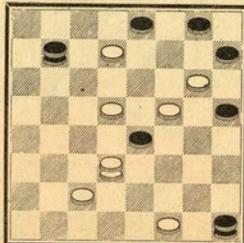
2.º Concurso da Casa Conhaque «Terry»

COMPOSIÇÃO N.º 19  
(Problema)

«La Provincia», 19-10-944  
Las Palmas — Espanha

Leira «Fas II»

Pretas: 2 «damas» e 5 «pedras».



Branças: 1 «dama» e 6 «pedras».  
Mate em 6 jogadas.

**NOVAS IDÉIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»**

Pelo Dr. Carlos R. Lafora

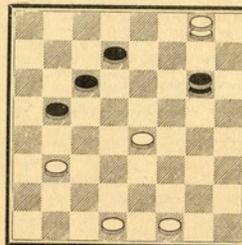
(Continuação)

A ninguém ocorreria, em xadrez, acreditar que se pudesse ganhar um final de R e P contra R, jogando caprichosamente. É também uma composição temática (tema oposição), mas resulta teóricamente. Assim em «damas» são técnicos os finais de duas «damas» e duas «pedras» contra uma «dama», grande diagonal, e uma «pedra», ou, também, três «damas», grande diagonal, contra uma «dama» e uma ou duas «pedras», pois todos eles se resolvem seguindo regras fixas.

Existem alguns finais que têm parte artística e, de seguida, em todas ou algumas das suas variantes entram numa fase técnica.

Por exemplo a preciosa obra de Francisco A. Henriques, publicada em Portugal em 1943.

FINAL DE JOGO



Jogam as brancas e ganham.

Solução

29-26 / 26-17 / 3-7 / 2-6 / 17-24  
21-16 / 20-15 / 16-3 / 3-10

e vem agora a fase técnica muito simples de bloqueio e ataque pela retaguarda para deter com uma «dama» duas «pedras». Esta belíssima obra é um exemplo da nossa escola moderna de jogada elástica (embora não seja chave), pois atrás da preciosa jogada 26-17 as pretas têm cinco variantes a escolher, ainda que para todas o método seja quasi o mesmo.

(Continua no próximo número)

**CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»**

(Classificação dos solucionistas até à composição n.º 8, inclusivé)

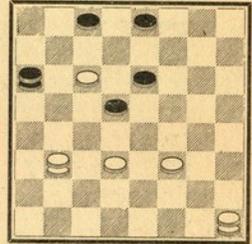
J. Nieto (Madrid), 47 pontos. Francisco A. Henriques, A. S. Fulgêncio e F. Almeida (todos de Almerim), 46 pontos. J. Brú (Valência), 36 pontos. Carlos Pereira (Lisboa), 34 pontos. Manuel Delgado (Tenerife), Luis Bueno (Sevilha), Atelmar (Lisboa) e António Lopes (Ovar), todos com 33 pontos. Electino Alvarez Gonzalez (Lisboa), 16 pontos.

**PASSATEMPO**

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 53

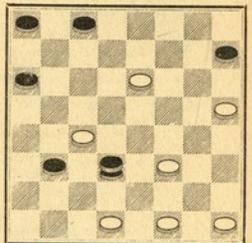
(Concurso)  
Por Lusíada  
(Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 54

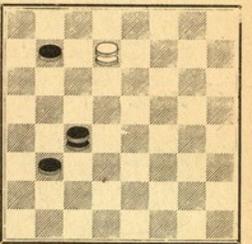
(Concurso)  
Por Marcelino Pécurto  
(Vila Viçosa)



Jogam as brancas e ganham.

FINAL DE JOGO N.º 13

(Concurso)  
Por Luis António David  
(Lisboa)



Jogam as brancas e empatam.

Nota — Este final deu-se em campo prático quando o autor jogava com as brancas.

PROBLEMA N.º 51 (Concurso)

Solução

11-14 / 23-28 / 10-13 / 13-18  
31-22 / 32-23 / 1-19 / 22-13  
17-3-11-29  
P. ganham.

PROBLEMA N.º 52 (Concurso)

Solução

19-22 / 13-18 / 22-26  
16-3 / 3-13 / 30-14  
4-9  
P. ganham

ATENÇÃO

O Concurso português de Problemas e Finais de Jogo termina na última semana de Novembro p. f. De seguida publicar-se-á um relatório sobre o assunto da autoria do nosso amigo e grande técnico «damista» Francisco A. Henriques, membro do júri do referido Concurso. Depois proceder-se-á à distribuição dos respectivos prémios aos vencedores.

**DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES**

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

# UMA ALMA SEM TRAGEDIA

Novela por Castelo de Moraes ~ Ilustração de Rudy

**S**E no dia 31 de Dezembro de 1944 o meu amigo Cláudio Santos quisesse exprimir numa simples frase a sintese do ano moribundo, teria que formular este paradoxo ambíguo: — «Vivi muito por não ter vivido absolutamente nada».

Realmente, o desgosto do Cláudio era esse. Pesavam-lhe nos ombros 38 anos e não encontrava na vida coisa alguma que o pusesse a par do infimo herói das suas novelas. Por isso naquela tarde cinzenta de fim de ano, a olhar as paredes nuas do quarto, Cláudio pensava:

— Vamos entrar em 1944 e estou vivo. Logo: não se morre de tédio...

E assim era. A vida do meu amigo tinha tudo sempre a igualdade uniforme e deserta dum areal sem dunas. Amores, nenhuns. Ou antes: um só, o primeiro, que o levava ao casamento e daí à vívida no fim de dez anos, prosalicamente, como a qualquer funcionário de Ministério ou militar graduado.

Tragédias também nenhuma, além da pobreza, daquela pobreza oficial de literato que deixa de ser desgraça por ser de há muito o condão invariável dos carpinteiros de livros. Ultimamente, o Cláudio tinha arranjado um namorico. Mas que diabo era isso na vida dum homem de talento? De mais a mais era um namorico pacato, sem impecilhos de família, sem dificuldades de correspondência, um namorico como todos os que levam ao registo ou à igreja.

Na vida de Cláudio faltava aquêle sópro trágico que devasta as almas e verga os homens fortes como juncos obedientes.

Essa falta de tragédia incomodava-o, desgostava-o de si mesmo como dum sêr impecilho e malfadado.

E a sintese daquele ano de 1943 era também a sintese da sua vida inteira. Sim. Ele era bem um mal-nascido, um diferente de todos, um condenado a viver sem catástrofes e sem apoteoses.

Isto dava-lhe inveja de todos os infelizes e de todos os mimosos do destino desde que o mimo ou o infortúnio déles fôsse para além das fronteiras do trivial.

De pensamento em pensamento, foi passando em revista todos os factos que nos últimos doze meses tinham enchido a sua vida de privações dolorosas ou de compensações suaves. Nada. Não encontrava nada que tivesse feito dele um sêr feliz ou um desgraçado perfeito. O namorico e mais nada. Era pouco. Realmente era muito pouco. Apesar disso, para ter que relembrar alguma coisa agarrou-se a essas memórias. Estendido no catre, monologava: Estamos quási em 1944... Mais um ano... Há então um ano que eu conheço a Margarida?... Há mais. Um ano e cinco dias. O pedido de casamento da Berta foi a vinte e seis... É isso: um ano e cinco dias. Em casa dos Nunes. Parece que estou a vê-la. Tôda de branco. Mal me falou... Depois disse no tenente que não queria dançar. Foi por isso que eu reparei nela... Depois conversámos. Mas como foi que nós conversámos? Ah, sim. Foi a Berta que lhe disse que eu fazia versos. Foi, foi... Até o pai do tenente, o Nunes e as velhas queriam que eu recitasse, e ficaram amuados por me negar. Ela então pediu-me que lhe dissesse porque era que eu não recitava. Eu sorri, olhei para o tenente, para o Nunes das barbas, para as velhas e para o médico. Ela também sorriu e ficámos a conversar. Falámos de livros. Ela não gostava do Farrêre, preferia o Loti... Foi até o Loti que nos aproximou. Foi por causa dele que ela me escreveu. Ora, deixa ver, a primeira carta é de...

Pulou do catre e foi remexer a mala. Voltou com o maço da correspondência e abriu o primeiro sobrescrito. ...Seis de Janeiro. Dia de Reis... Onze dias depois do encontro. Mesmo assim foi depressa! Deixa ver o que ela diz: «Cumpro a minha promessa mandando o livro. Se não gostar, diga; mas diga do que não gostou. Mas vai gostar. Eu sei que vai gostar. Sabe? Tenho pensado muito no que me contou».

Cláudio forçava a memória a querer lembrar-se.

— Ah! Já sei. Foi a história daquela amendoeira que soua quando nos vendemos o quintal... Ou não seria? O livro era o «Deserto», lembro-me bem. Foi a amendoeira, foi. Aquil diz ela: «Se, de facto, as árvores conhecem o dono, devem sofrer muito...». E agora digo eu: As árvores?... E os móveis?... E as

jóias?... E as paredes?... E os agiotas morrerão todos de cancro? Espera... Quando foi que a Margarida começou a tratar-me por tu? Vamos ver. Em Fevereiro: «Meu amigo». Em Março, ídem. Em 30 de Março: «Meu amigo muito querido»... Ainda não. Abril, 7: «Meu Cláudio... Espere!...». Foi então em Abril, depois dos meus anos. Há oito meses. Mas, afinal, eu gosto dela ou não gosto?

Bateram à porta do quarto. Cláudio rosnou:

— Quem fór, abra!

— Com licença sr. Cláudio...

— Oh! É a D. Gertrudes... entre, entre...

— Sempre detido! Olhe que isso faz-lhe mal! E esses sapatos em cima da colcha! O sr. Cláudio é muito descuidado! Olhe, venho trazer-lhe um bilhete duma senhora.

— Dumã senhora?...!

— E bem linda que ela é! Mas o senhor nunca me disse que tinha irmãos.

— E não tenho, D. Gertrudes. Nunca tive.

— Então como é que tem uma cunhada?

— Porque sou viúvo e a minha mulher tinha uma irmã.

— O senhor, viúvo? Nunca tal pensei; não tem cara disso, desculpe. Mas, então, enviouvo muito cedo?

— Há seis anos. E que lhe disse a minha cunhada?

— Deixou este bilhete. Escreveu-o ali na mesa da casa de entrada. O que diz não sei porque não o li.

O bilhete dizia: «Cláudio. O Fernando e os temos empenho em que jantes conosco amanhã. Estamos sós. Não faltes, não? Precisamos muito falar contigo. Tua irmã — Maria Isabel».

— E para jantar com êles amanhã.

— Ela disse... Quere que leve o seu fato para lhe dar uma passadelazinha a ferro?

— Era favor, D. Gertrudes. Leve, leve.

— E este cinzento, não é? Eu leve... Ora o senhor Cláudio que é viúvo!...

\* \* \*

Aquêle bilhete da cunhada intrigava-o. Desde a morte da mulher que viviam afastados. Tinham sido muito amigos, mas pouco a pouco as relações tinham esfriado até o ponto de nunca se irritarem.

Cláudio estava pobre, Maria Isabel enriquecera pelo casamento e fazia uma vida de luxo e de viagens. Entre Cláudio e o marido de Isabel existiam relações de mero cumprimento: um apêrto de mão na rua, uma troca de telegramas pelas festas, e mais nada que os ligasse pelo mais débil fio de convivência. A que vinha, pois, aquêle bilhete de convite a insistir pela comparação e a prometer uma intimidade de três? «Estamos sós», dizia o papel, e logo a seguir: «precisamos muito falar contigo». Os dois a precisarem, no plural... Para quê? Negócios de família? Estavam todos lúidados. Oferta de favores? De

antemão deviam ambos saber — ela pelo menos — que êle os não acetaria. Que diabo poderia ser então? E, a pensar nisto, Cláudio achava o relógio preguiçoso.

Finalmente, pelas cinco horas bateu à porta déles. Maria Isabel recebeu-o na intimidade duma salinha clara, meio «boudoir», meio biblioteca, onde êle reconheceu alguns móveis familiares.

Depois dum diálogo de perguntas naturais entre pessoas que se não visitam há seis anos, Maria Isabel entrou no assunto que a interessava.

— O Fernando (era o marido), foi ontem para Paris. Escrevi-te o bilhete no plural para a mulher do quarto não ficar a pensar tolices. Eu vou ter com êle no dia sete, mas antes disso queria deixar arrumado um assunto que me dá cuidado. Trata-se do sossêdo da minha maior amiga, e conto contigo para uma boa obra. Ainda és o mesmo?

— Tu o dirás.

— O mesmo de há vinte anos? O mesmo Cláudio de quando eramos garotos? Tu nesse tempo eras bom. Ainda és?

— Não sei, Maria. A vida deve ter-me feito muito mal.

— E tu nunca fizeste mal?

— Tantos vezes o terêi feito!

— E não gostarias de remediar um pouco esse mal que fizeste?

— Talvez. Se valesse a pena...

— Sabes a que me refiro?

— Não.

— Então tens feito mal muitas vezes... E eu a julgar que tinha sido uma vez só!

— É possível. Há muitos actos nas nossas vidas que são pedras atiradas por cima dum muro e nunca chegamos a saber quem elas feriram.

— Tu dessa vez soubeste.

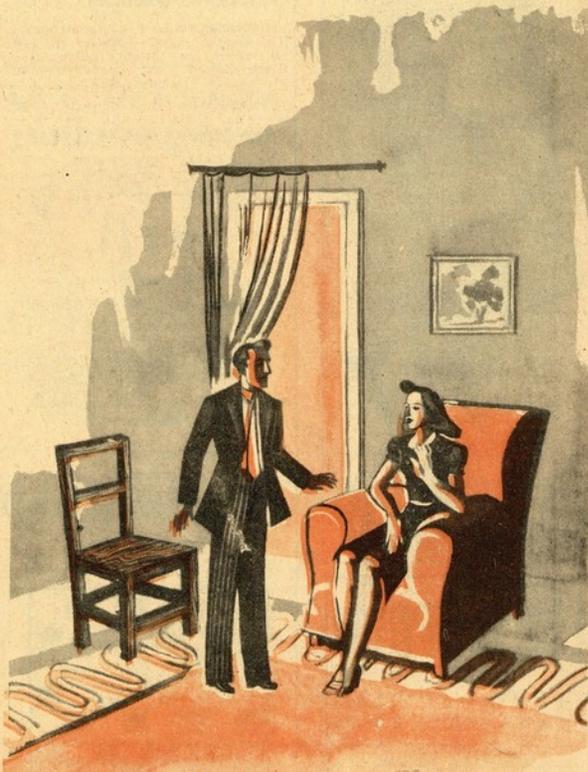
— Não digo que não, mas não me lembro; explicat-e.

— Ouve, Cláudio: quando te encontras muito só na vida — e deves encontrar-te assim muitas vezes — não tens remorsos? Não te lembras de alguém? Não te dói no coração uma mentira que tivesses dito e fôsse por cima do muro atingir uma alma que em vez dum pedra esperasse uma flor?

— De quem falas? Dize.

— A consciência não te responde?

(Continua na pág. 16)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27